

O FUNDAMENTO DA CONSCIÊNCIA INGÊNUA E O IMOBILISMO SOCIAL NO BRASIL

Dr. José Ernesto de Fáveri¹

Há muito se sabe que o papel da filosofia não é descobrir o que está escondido, mas sim tornar visível o que precisamente é visível - ou seja, fazer aparecer o que está tão próximo, tão imediato, o que está tão intimamente ligado a nós mesmos que, em função disso, não o percebemos. [...] Desse ponto de vista, a tarefa da filosofia atualmente bem poderia ser: quais são as relações de poder as quais estamos presos e nas quais a própria filosofia [...], está paralisada? (MICHEL FOUCAULT)

RESUMO

Este texto trata dos fundamentos para compreender a consciência ingênua que se manifesta na atual realidade brasileira que produz o imobilismo social no país. Da mesma forma será abordado o perfil da consciência nacional ingênua dentro da atual conjuntura de Estado e da realidade social. Procura-se ao longo da análise fazer com que o leitor perceba que esse tipo de consciência está presente nas instituições e nos setores do atual governo que sufoca qualquer forma de pensar diferente e promove a inércia no povo, pela usurpação dos direitos individuais e coletivos dos trabalhadores. O atual governo legitimado através de um golpe militar brando, impede qualquer possibilidade de mobilização nacional das massas. Com isso, legitima uma ordem político, social e econômica perversa porque ataca diretamente os menos favorecidos com políticas desumanizadoras dos mais pobres. Tudo isso, em nome de um débil e frágil discurso democrático, disfarçado pelo autoritarismo de características nazifascistas, para ocultar “vale de lágrimas” imposto à população. O objetivo dessa análise é mostrar como a consciência ingênua está presente em todos os setores da realidade nacional, mas de modo especial no atual governo, produzindo um absurdo silêncio e uma ampla imobilidade das massas diante dos retrocessos produzidos pelo governo. Fundamentalmente, o texto aborda uma concepção da consciência ingênua como fator determinante do imobilismo social e, o seu perfil manifesto na atual realidade nacional. Ao leitor recomenda-se a leitura desprovida de qualquer fanatismo ideológico e sectarismo autoritário radicalizando as ideias e posturas na gestão do Estado pelo atual governo, criando no contexto nacional uma falsa esperança nas massas fundado numa credence extremista falsante da realidade, dos fatos e dos acontecimentos, promotores da consciência social ingênua, para aceitar a desumanização atual condição da população.

Palavras Chaves: Consciência Ingênua, Imobilismo Social, Autoritarismo de Estado, Realidade Nacional, Falseamento da realidade

ABSTRACT

This text deals with the fundamentals to understand the naive conscience that is manifested in the current Brazilian reality that produces social immobility in the country. In the same way, the profile of naive national conscience will be approached within the current conjuncture of State and social reality. Throughout the analysis, it is sought to make the reader realize that this type of awareness is present in the institutions and sectors of the current government that stifles any different way of thinking and promotes inertia in the people, through the usurpation of individual and collective rights of workers. The

¹ Doutor em Educação: Fundamentos da Educação pela Universidade Federal de São Carlos (USFCar – SP). Mestrado em Educação e Ensino Superior, Universidade Regional de Blumenau (FURB – SC). Graduado em Filosofia e Pedagogia. Professor e pesquisador nas áreas da Educação, Filosofia, Desenvolvimento Nacional e Regional vinculado ao Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas (CNPq) da Universidade do Contestado (UnC). E-mails: faveri@unidavi.edu.br; j.ef@terra.com.br

current government legitimized through a mild military coup, prevents any possibility of national mobilization of the masses. With this, it legitimizes a perverse political, social and economic order because it directly attacks the less favored with dehumanizing policies of the poorest. All of this, in the name of a weak and fragile democratic discourse, disguised by the authoritarianism of Nazifascist characteristics, to hide the “valley of tears” imposed on the population. The purpose of this analysis is to show how the naive conscience is present in all sectors of the national reality, but especially in the current government, producing an absurd silence and a wide immobility of the masses in the face of the setbacks produced by the government. Fundamentally, the text addresses a conception of naive conscience as a determining factor of social immobility and its profile manifested in the current national reality. The reader is recommended to read without any ideological fanaticism and authoritarian sectarianism, radicalizing the ideas and attitudes in the management of the State by the current government, creating in the national context a false hope in the masses founded on an extremist belief that falsifies reality, facts and events, promoters of naive social awareness, to accept the current dehumanization of the population.

Keywords: Naive Consciousness, Social Immobility, State Authoritarianism, National Reality, False Reality

1 Contexto e perspectivas da abordagem

O contexto desta abordagem pretende realizar uma análise da realidade nacional enquanto resultado eficaz da tecnoestrutura² sobre a sociedade para compreender o imobilismo social que o estado de exceção, consolidado nas últimas eleições, como um estado de direito, impôs à nação brasileira neste momento. O objetivo dessa abordagem é mostrar como está sendo consolidada a consciência ingênua no povo brasileiro, sufocando a possibilidade de qualquer reação coletiva para influenciar na mudança dos rumos nas políticas do atual governo. O pesado silêncio imposto no golpe militar de 64, hoje é revivido e imposto, autoritariamente, com maior sofisticação e requintes de pressão, que impõe de múltiplas formas, a passividade ao povo, através de sucessivas decisões, ações arbitrárias, opressoras e repressoras, disfarçadas por uma descarada demagogia e um engodo de mentiras no processo de governar. Esse autoritarismo, manifesta-se nos diferentes setores da sociedade e pelos poderes instituídos, mascarados por uma atitude de caráter fortemente populista³, com a intenção de promover maior retrocesso e o confisco dos direitos dos trabalhadores e das massas mais pobres do país.

² Este texto é a continuidade do capítulo primeiro que é parte da obra, **REALIDADE NACIONAL E CRISE ATUAL**: entre a cultura e a barbárie, com o título: A tecnoestrutura no estado de exceção e o imobilismo social no Brasil. A obra foi organizada por José Ernesto de Fáveri, Luiz Eduardo Cani e Sandro Luiz Bazzanella; publicada pela editora LiberAs, São Paulo em 2018; p. 17-48.

³ O populismo é um movimento político de cooptação das massas pelas elites promotoras da revolução burguesa. Quando esse movimento atinge o máximo de repercussão na sociedade, a tal ponto de produzir uma agitação ou desordem generalizada pelo conflito de interesses entre as massas e a classe dos ricos e, esses, vendo seus interesses ameaçados pelo amplo movimento social exigindo reformas, articula e executa uma série de golpes, entre outros, o golpe militar, que hoje é golpe de Bolsonaro, sobre as massas pobres. Esses golpes evidentemente é a reafirmação do projeto da classe dos ricos. Nesse sentido, o golpe foi e é a alternativa que a elite encontrou

Esta abordagem tem como pano de fundo do atual contexto nacional, a partir do ano de 2015, onde inicia-se, nos diferentes setores da sociedade brasileira, a orquestração de sucessivos golpes e revanchismo políticos no congresso e no senado, pela inconformidade de alguns setores da política nacional em relação ao resultado das urnas que reelegeu Dilma Rousseff para o segundo mandato. Dessa forma, instalou-se o inconformismo e uma luta política orquestrada por todos os setores da sociedade para derrubar a atual presidente da república. A continuidade dos golpes não para por aí, o último golpe nessa fúria obcecada da direita para tomar o poder, aconteceu com a eleição do atual governo. Dessa forma instalou-se um jeito de governar com base a consolidação da barbárie, que entra numa paranoia de destruição do Estado brasileiro imobilizando uma nação inteira. Nesse contexto, o atual governo defende e reedita, aberta e publicamente, o golpe militar de 1964, com requintes de crueldade e atos autoritários populistas em defesa dos interesses dos ricos, apoiadores desse governo, cuja marca é governar através de “Atos institucionais” com cara nova. Ou seja, reinventados e reeditados através das redes sociais e pela mídia de massa, imobilizando a população e direcionando a opinião pública a favor dos interesses da classe dos ricos, do capital externo e o claro favorecimento de uma política externa voltada para as grandes metrópoles, que dominam o comércio exterior no mundo. Nessa linha de raciocínio, o objetivo consiste em consolidar nacionalmente a consciência social ingênua da nação pela via do autoritarismo, possuindo, como principal inspiração, os governos e líderes mundiais de extrema direita com posturas xenófobas, a mídia de massa a seu favor e o uso das redes sociais como parceiros para destruir a possibilidade de pensar diferente daqueles que ocupam o poder.

O atual comportamento das instituições nacionais, envolvendo os três poderes junto com a classe política, estão reinventando *o golpe de 64*⁴. Vejamos no depoimento de Paulo Freire, o que significa a ditadura para quem a defende e sem ter experimentado seus violentos efeitos maléficos para a sociedade e para os indivíduos. [...] *Em 64, eu estava preocupado em desenvolver, para o Brasil, um programa de alfabetização para o país. Por causa disso, fui preso [...], expulso da universidade e exilado pela ditadura militar, onde considerou e publicou,*

para conter o avanço das forças sociais mobilizadas, através do movimento das massas, nas últimas décadas, além dos limites permitidos pela classe nacional dos ricos e empresários. Nessa perspectiva que se deve entender o populismo do governo bolsonarista. Para aprofundar a temática, ver WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 72-89.

⁴ Movimento que legitima a tortura e assassinato de muitas pessoas que faziam oposição ao regime sanguinário dos militares da época, cujo o governo de Bolsonaro defende abertamente como filosofia de governo disfarçada de uma legitimidade democrática, no mínimo suspeita, das últimas eleições. Essa referência é o indicativo que estamos vivendo a era do silenciamento das massas populares no atual momento da realidade brasileira. Nesse sentido, ler a obra *tortura nunca mais* e o discurso de Ulisses Guimarães na promulgação da nova constituição.

por escrito, por entender que eu era um perigoso subversivo nacional e internacional, um inimigo do povo brasileiro e inimigo de Deus. A ditadura militar estragou e continua estragando este país da gente. Evidentemente que a ditadura não inaugurou o autoritarismo, porque o autoritarismo está entranhado na natureza da nossa sociedade. O Brasil foi inventado, construído autoritariamente. Os militares de 64 deram uma indiscutível contribuição. Ao implantar o autoritarismo, ajudaram a fazer crescer a violência, a mentira e a repressão que foi uma coisa trágica. Esse período de ditadura no Brasil, que Deus queira que jamais se reinvente. Isto é, meu gosto é que nós todos [...] tomemos um tal gosto pela liberdade, pela presença no mundo através da criatividade, da pergunta que questiona, pela ação de que jamais seja possível no Brasil voltar a experiência do pesado silêncio sobre nós⁵, imposto pela ditadura militar de 1964.

Nessa perspectiva, o silenciamento da nação transforma-se num fenômeno social generalizado em todos os setores da sociedade, produzindo a inércia das camadas sociais de renda mais baixa, através da metodologia e das ações autoritárias advindas de todas as formas e meios. Hoje, sem margem de dúvida, presencia-se a reedição do golpe de 64 pela atuação da equipe e das instituições que compõem o atual governo, imobilizando, de todas as formas, o povo brasileiro.

A estrutura deste ensaio consiste em abordar os fundamentos e o perfil da consciência social ingênua da nação e das instituições que sustentam a atual forma de governar que fortalece e consolida o movimento neo-nazifacista no processo de governança espúria e xenófoba do atual governo. Ou seja, disseminação do ódio para quem pensa diferente e busca construir uma visão crítica da realidade objetiva. As evidências são de que as massas têm de seguir a teoria da manada, associada à teoria conspiratória pregada e vivida pelo atual governo sobre a grande maioria da sociedade brasileira.

2 O significado social e concepção da Consciência Ingênua

A consciência nacional ingênua significa um produto histórico da tecnoestrutura, que determina e produz o imobilismo social pela ausência da cultura crítica na análise da realidade nacional e local. Essa cultura crítica origina-se da prática de um pensar instrumentalizado para compreender a realidade mais próxima de si, no sentido de gerar consciência do que somos e

⁵ Transcrito do site, <https://www.facebook.com/sigajandira2/videos/1737326429635345/>

fazemos no contexto local da vida. Metabolizar conceitos, ideias e aplicá-los à vida real para descobrir a verdade sobre o que é divulgado, na sociedade e no contexto atual, é um esforço para compreender, de outra forma e outro ângulo, a realidade em nossa volta, com o fim de desmascarar o aparecer social dos fatos e acontecimentos veiculados nos diferentes setores e instituições sociais brasileiras no atual processo de governar. Esse pensar é tarefa para intelectuais vinculados e convertidos para compreender, coerentemente, a realidade nacional. Isto é, praticar uma arqueologia do olhar/observar para constituir uma relação de saber sobre a realidade nacional e local, e, com isso, identificar os efeitos de poder dos indivíduos e instituições que compõe a atual conjuntura de poder. Assim se constrói uma visão de totalidade de si, da realidade e, conseqüentemente, produz-se a consciência crítica como superação da consciência nacional ingênua, produtora do imobilismo social da maioria, ou seja, a indiferença da nação diante do que estamos vivendo com o governo de Jair Bolsonaro. Enfim, a tecnoestrutura do atual governo contribui para a consolidação da consciência ingênua e favorece a manutenção do fenômeno social do imobilismo no atual contexto nacional.

A consciência ingênua consiste na separabilidade do pensamento sobre o real em que o sujeito está inserido. Ou seja, a consciência ingênua é aquela que não possui “ciência” dos fatores e dos condicionamentos que a determina.

A passividade, como principal forma de manifestação, é encontrada na população brasileira no momento atual, provocada pela funcionalidade da tecnoestrutura, sob o comando do atual governo. Por isso, a necessidade dessa análise sobre a questão da consciência nacional ingênua, que se manifesta na forma de imobilismo da massa como consequência dos sucessivos e interligados golpes orquestrados pelas instituições contra o povo brasileiro e o estado de direito democrático. Os personagens envolvidos nesse golpe pertencem às diferentes instituições do país, cujo interesse não é comprometer-se para superar a atual crise, mas para escamotear a verdade dos fatos e acontecimentos, visando conquistar e manter-se no poder com o fim de tirar vantagens pessoais, ideológicas e econômicas da crise.

O pensar, oriundo desse tipo de consciência, a ingênua, adquire um caráter abstrato, persuasivo e populista, que condiciona um pensar limitado, repetitivo e viciado no sentido de não construir uma visão própria do mundo real. Como diria Michel Foucault, é a construção do “sujeito sujeitado” que, em vez de desenvolver uma estrutura própria de pensar, apega-se às ideias externas ao indivíduo e aos modelos de pensamento já prontos como base e referência para compreender a realidade atual. Quanto mais o pensar adquire o caráter abstrato, maior o seu distanciamento da realidade nacional e local. É nessa perspectiva que o pensar passa a

funcionar como alienação da consciência. O indivíduo, que usa essa forma de pensar, não consegue marcar posição diante dos fatos e acontecimentos sociais, porque não consegue compreendê-los e, por isso, o seu pensar adquire um caráter abstrato na forma de suposições estimuladas pela mídia de massa e pelas redes sociais, através das *fake news*. Por isso, produz a consciência ingênua da massa. O indivíduo não consegue realizar a operação ideativa de representar a realidade na forma de ideia em seu pensamento. Em consequência dessa situação, o sujeito não é capaz de gerar conhecimento crítico das condições reais em que se desenvolve a existência. Esse é o contexto favorável ao nascimento da consciência ingênua, que se desenvolve a partir do pensar “além” ou “aquém” das condições pessoais, sociais e materiais em que o indivíduo está inserido. Por isso, é uma consciência sujeitada às crises espasmódicas, vincula a arrogância no exercício do poder dominante, instituído com fortes indícios de ser um poder totalitário de caráter nazifascista. Isto é, o sujeito ingênuo constrói um discurso fundado na oratória ornamental, quando consegue produzi-la, com o fim de persuadir e sem nenhum interesse de buscar a verdade e as razões sobre os acontecimentos e os condicionamentos reais que determinam o surgimento dos discursos construídos e divulgados pelos agentes do governo. A imprensa, nessa situação, ocupa um papel fundamental, enquanto parte da tecnoestrutura objetivando ampliar a abrangência social da consciência ingênua. Esse discurso, amplo e insistentemente divulgado e repetido, tem por objetivo sujeitar o outro a uma estrutura e a ordem social instituidora das desigualdades de toda a ordem e às injustiças como base do processo de desumanização do homem e da nação brasileira.

A consciência ingênua é produto da tecnoestrutura⁶, porque imobiliza a nação e constrói uma visão fatalista das circunstâncias e do contexto em que o indivíduo está inserido. Isso implica em levar o sujeito a perceber que não existe alternativa de mudança e o único caminho possível é aceitar, passivamente, as condições do contexto atual em que está inserido. Essa é a atual situação em que se encontra a sociedade brasileira diante do atual governo. Por isso, a tecnoestrutura desse governo consolida a consciência ingênua e promove o imobilismo social. O discurso falsante do governo é forte o suficiente para impor, de forma autoritária, o silêncio e passividade ao povo.

⁶ A tecnoestrutura significa o poder de ocultar a origem da tomada de decisões no atual governo para evitar que as massas tenham uma compreensão crítica da realidade nacional. A maleficência da tecnoestrutura nasce no modo como o governo se organiza de forma autoritária e antidemocrática, com ausência de diálogo para destruir qualquer forma de reação das massas, com o fim de legitimar interesses escusos ao bem-estar dos indivíduos e da maioria da sociedade pobre. A tecnoestrutura, nesse ensaio, é um conjunto de técnicos que se organizam para legitimar os interesses da classe dos ricos e surrupiar os direitos consolidados pela maioria pobre da sociedade atual.

Nesse sentido, a sociedade brasileira está perplexa diante do momento atual, sem saber o que fazer e como reagir. Essa inércia a que é submetida a população brasileira, diante do estado autoritário por meio do estado de direito, legitimado na última eleição, que veio para ficar, é consequência do agir dinâmico das instituições nacionais e locais que, através dos especialistas que constituem a tecnoestrutura, impõem à sociedade, por diferentes ações e estratégias, um profundo silêncio e a passividade diante dos fatos e acontecimentos sociopolíticos nacionais. As ações tecnoestruturais penetram na subjetividade dos indivíduos e, com isso, produzem o imobilismo social da nação como um todo. O resultado maléfico dessa investida da tecnoestrutura é a produção da consciência ingênua na sociedade, que se manifesta no silêncio e na passividade social, que instala a desesperança e a acomodação da população em geral, à espera de um salvador da pátria e, dessa forma, consolida o mal-estar silencioso na sociedade atual.

Enfim, a consciência ingênua possui uma inevitável abrangência social. Porque a sociedade se compõe de indivíduos em uma dada situação concreta. Por isso, o caráter social da consciência ingênua manifesta-se como fenômeno histórico em todos os regimes totalitários, inclusive o nosso, cuja intenção é manter a população na inércia diante do presente e do futuro de uma nação subjugada aos interesses alheios a ela. Segundo Vieira Pinto, o que caracteriza um regime totalitário comandado por uma pessoa autoritária e obsessiva é conduzir a sociedade pelo regime antidemocrático, embora o seu aparecer social dê a impressão de democracia. “O sucesso das ditaduras nos países de estrutura atrasada, regime de volição pessoal, de endeusamento primário dos caudilhos⁷, está intimamente ligado ao processo de atropomorfização da história”⁸.

Finalmente, a tecnoestrutura destrói a possibilidade de compreensão crítica da realidade, cuja consequência é instalar e dinamizar a crise social do conhecimento sobre as reais condições materiais de sobrevivência da população, legitimando, massivamente, a consciência nacional ingênua pelo processo de idealização dos fatos e acontecimentos sociopolíticos, sujeitando, a população, aos ditames de um governo totalitário, autoritário e opressor das massas pela

⁷ Significa o político-militar, possuído de uma força impositiva própria de governar, disfarçado de democrata que usa de todas as forças legais, irregulares e antidemocráticas para proteger aqueles que lhes são fiéis e punir os que são contra. Isto é, exercício autoritário do poder com aparência de legalidade democrática. Essa é a característica do atual governo e todos aqueles que o apoia.

⁸ Ver PINTO, Álvaro Vieira. **Consciência e Realidade Nacional**. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1960. Vol. 1, p.343.

suspensão e supressão de direitos diversos conquistados sob duras lutas históricas. Eis aí o caráter desumanizador do atual governo.

A consciência ingênua é sempre uma consciência submetida, que imobiliza qualquer possibilidade de reação coletiva diante da sujeição que sofre. Para finalizar, historicamente o Brasil vem consolidando esse tipo de consciência sobre a maioria da população como efeito maléfico nos sucessivos governos golpistas que marcaram a história remota e também a recente do país.

3 Os fundamentos da consciência ingênua na consolidação do imobilismo na sociedade brasileira⁹

3.1 – Conceito e abrangência da consciência Ingênua

A passividade imposta na população brasileira no momento atual, provocada pela funcionalidade da tecnoestrutura requer um estudo e uma análise sobre a questão da consciência nacional ingênua, manifesta na forma de imobilismo da nação, como consequência dos sucessivos e interligados golpes orquestrados pelas instituições democráticas contra o povo brasileiro, através da legitimação do estado de exceção em estado de direito, pelas últimas eleições. Os personagens envolvidos pertencem às diferentes instituições do país, cujos interesses não são de comprometimento para superar a crise, mas para escamotear a verdade dos fatos para manterem-se no poder e tirar vantagens pessoais, sociais, econômicas e políticas da crise.

Iniciemos nossa abordagem com a definição de consciência crítica para chegar na abordagem da consciência ingênua que é nossa meta central. Para atingirmos o centro da nossa reflexão, precisamos abordar o contraponto dessa análise, que é a questão da consciência crítica. Essa é o encontro do pensamento com o contexto mais próximo para construir, dinamicamente, níveis de compreensão cada vez mais perfeitos e profundos sobre a realidade em que se desenvolve a existência. Nessa direção, a consciência crítica adquire simultaneamente um caráter individual e social. Dito de outra maneira, a consciência crítica é o processo de construção da visão de totalidade sobre si e da realidade em que o sujeito está inserido. Ao contrário da consciência crítica, surge a concepção de consciência ingênua. Essa consiste na

⁹ Essa temática é abordada a partir do primeiro volume da obra CONSCIÊNCIA E REALIDADE NACIONAL, do autor Álvaro Vieira Pinto, publicada em 1960. Por isso, o autor deste ensaio não estará realizando dissertações doutrinárias, mas a incorporação de alguns conceitos da reflexão do autor citado, quando lhe parecerem úteis e a exprimir a sua própria compreensão da atual realidade brasileira.

separabilidade do pensamento sobre o real em que o sujeito está inserido. Ou seja, a consciência ingênua é aquela que não possui “ciência” dos fatores e dos condicionamentos que a determinam, conforme dito, anteriormente.

O pensar, oriundo desse último tipo de consciência, adquire um caráter abstrato e persuasivo que condiciona um pensar limitado, repetitivo e viciado, no sentido de não construir uma visão própria do mundo real. O indivíduo que usa essa forma de pensar não consegue marcar posição diante dos fatos sociais e econômicos, porque o pensar adquire um caráter abstrato e, por isso, não consegue realizar a operação ideativa de representar a realidade, na forma de ideia em seu pensamento. Em consequência dessa situação, o indivíduo não é capaz de gerar conhecimento crítico das condições reais em que se desenvolve a existência e, muito menos, consegue compreender as finalidades últimas dos fatos e acontecimentos que determinam a realidade em sua volta. As informações que chegam até os indivíduos não são cuidadosa e criteriosamente pensadas de forma racional para compreender sua origem e finalidade. O sujeito ingênuo constrói um discurso fundado na oratória ornamental com o fim de persuadir, sem nenhum interesse de buscar a verdade e as razões sobre os acontecimentos e os condicionamentos reais. O seu único objetivo é de sujeitar o outro a uma estrutura e à ordem social instituída, com o fim de direcionar comportamentos individuais e sociais escusos para alcançar a verdade sobre a realidade objetiva. Portanto, a consciência ingênua contribui para transformar o indivíduo numa espécie de “sujeito sujeitado”, conformado com a realidade em sua volta. O mais grave é a recusa de compreender a realidade e, com isso, não desenvolve, para si, uma estrutura própria de pensar e compreender o mundo em que se desenvolve a sua existência o que marca a ausência de um pensar crítico é a visão fatalista pelos discursos oriundos de todos os setores do governo, esses são tão bem articulados e conseguem, realizar o convencimento da população mais pobre que só tem um caminho: seguir a voz “dos atuais pastores” para resolver os problemas socioeconômicos nacionais. O discurso falsante do governo é forte o suficiente para impor, de forma autoritária, o silêncio e a passividade ao povo. Isso tudo com a fantástica contribuição dos meios de comunicação de massa e das redes sociais.

O traço marcante do pensar ingênuo possui a tendência de origem sentimental que lhe dá o caráter autoritário, porque domina e direciona o pensar coletivo da nação segundo os interesses da classe socialmente rica, que representa o atual governo. Como ilustração, tomemos o exemplo do discurso de que temos que superar a crise da previdência ou, caso contrário ninguém mais receberá o benefício do INSS! Essa é uma forma e tática perversa de apreciar os temas econômicos, usando a estratégia chantagista que obriga a população a assumir sempre

uma atitude servil de extrema sujeição do indivíduo e da sociedade diante da realidade objetiva, através de um discurso autoritarista muito bem pensado e executado pelas forças vivas que fazem parte do governo, enraizado em todos os setores públicos da conjuntura nacional e nos diferentes poderes instituídos. É isso que o atual governo faz para impor o imobilismo social, aproveitando-se do nível ingênuo que se encontra a consciência da população. Ou a nação aceita a ditadura na tomada de decisões, o autoritarismo na implementação das ações que definem a governança do país, por uma equipe de governo de competência suspeita, que abrange todos os poderes, para impor, à nação, os interesses escusos ao bem-estar do país e preservar interesses da classe dos ricos para consolidar a desigualdade e as injustiças à grande maioria da sociedade; ou, segundo a visão de extrema direita, que compõem o poder atual, a sociedade fica totalmente privada do bem-estar da população em geral, que o Estado tem, por obrigação, de realizar no seio da atual sociedade.

Enfim, a consciência ingênua possui uma inevitável abrangência social. Porque a sociedade se compõe de indivíduos em uma dada situação concreta, num estado absoluto de sujeição que conduz à passividade social generalizada. Nessa condição, governar o país é uma espécie de ato soberano do rei, próprio de uma sociedade soberana originária do passado remoto. Por isso, o caráter social da consciência ingênua manifesta-se como fenômeno histórico e de massa em todos os regimes totalitários, tanto de um passado remoto, quanto de um presente próximo, porque a intenção é manter a população imersa na inércia diante do presente e do futuro de uma nação, usando métodos de governança, mesclando o medo e o ódio entre as pessoas em sociedade, que cria uma atitude de não saber o que fazer diante da realidade objetiva. Portanto, a consciência ingênua é sempre uma consciência submetida que imobiliza qualquer possibilidade de reação coletiva diante da sujeição que os indivíduos sofrem. Então, depois desses esclarecimentos, temos o grande desafio a encarar, entre outros: Como se manifesta o perfil dessa consciência nos setores da sociedade e do governo na atualidade? Qual a participação das instituições, dos poderes e das pessoas que fazem parte e constituem a atual equipe de governo?

3.2 - O perfil da consciência social ingênua na atual conjuntura nacional do governo¹⁰

¹⁰ Essa temática é abordada a partir do primeiro volume da obra CONSCIÊNCIA E REALIDADE NACIONAL, do autor Álvaro Vieira Pinto, publicada em 1960, entre as páginas 163-432.

2.3.1- Uma observação sobre o enfoque pelo qual pretendemos compreender o perfil da consciência ingênua

Um comentário preliminar para contextualizar a temática faz-se necessário antes de abordar as principais características da consciência ingênua. Essa não é um fenômeno natural que simplesmente aparece no seio da sociedade, mas é, outrossim, uma construção intencional para produzir a miopia, nos indivíduos, sobre o contexto de vida que se transforma num fenômeno social, provocando o erro epistemológico na compreensão da realidade em que o indivíduo está imerso. Por isso, torna-se obstáculo ideológico para as transformações sociais necessárias, na perspectiva de construir uma sociedade mais humana e menos escravocrata de qualquer ordem e poder dominante instituído no Brasil de hoje.

Essa abordagem deve ser compreendida e aplicada sobre o pensar e o agir das pessoas que fazem parte da equipe do atual governo e as instituições dirigidas pelo mesmo, que se harmonizam para implementar e consolidar a consciência ingênua a nível individual e social, objetivando direcionar o pensamento e a ação do ser humano e do ser da nação brasileira¹¹. É preciso entender que existem dois tipos de ingênuo presentes, nas sociedades e nas instituições e no atual governo. O primeiro é aquele indivíduo que se esforça para realizar, da melhor forma possível, o que tem a fazer, mas sem segundas intenções, não consegue fazer bem e melhor o que tem a realizar. Quer dizer esse tipo de ingênuo não possui má fé e uma intencionalidade subjacente do seu modo de pensar e agir. O segundo é o ingênuo safado e mal-intencionado. Isto é, vive e age nos mais diferentes contextos e circunstâncias da vida pessoal, profissional e social, procurando levar vantagem em tudo ou realizar sua atividade prática pelo mais fácil sem se importar com o compromisso da qualidade. Sabe e tem consciência de que o seu pensar e o agir não estão pautados pela conduta ética e moral, mas continua realizando as atividades porque lhe convém, de acordo com seus interesses pessoais, e porque procura se projetar a qualquer custo. Por isso, é mal-intencionado. Nessa perspectiva, Bertolt Brecht nos alerta que “aquele que não conhece a verdade é simplesmente um ignorante, mas aquele que a conhece e diz que é mentira, este é um criminoso”. Ou seja, quem pratica, no seu discurso, a construção da consciência ingênua mal-intencionada na sociedade, assemelha-se a um criminoso no sentido dado acima. Nessa condição, os fins justificam os meios, mesmo que esses sejam uma

¹¹ Claro deve ficar que a consciência ingênua se manifesta individual e coletivamente em todos os contextos da vida. Em algumas situações mais explícita e intencionalmente e noutras menos. Mas em grau maior ou menos todos nós somos possuidores de um nível de consciência de ingênua e o mesmo ocorre com instituições e comportamentos sociais no desempenho de qualquer função ou de trabalho.

forma irracional de conduzir o seu pensar e o seu agir, porque não medem as consequências dos seus atos para impor condições de vida deplorável e degradante aos outros, tanto do ponto de vista psicológico quanto material. Esse, segundo tipo de ingênuo vive a contradição entre o pensar e o agir. Por isso, possui uma capacidade de escamotear a verdade de tal forma, que vive uma coisa e pensa outra. Quando alguém fala uma coisa, isto é, pensa, mas vive outra, estamos diante de uma pessoa sem moral, ética e hipócrita, porque é uma contradição em si mesmo no seu modo de pensar e agir¹². Nesse perfil, podemos identificar muitos indivíduos que pertencem aos três poderes, mas de modo especial no congresso, no senado federal, no judiciário e a equipe que compõe o atual governo. Ou seja, vivem o dia todo e todos os dias o segundo conceito de consciência ingênua acima analisado. Esse segundo tipo de ingênuo, reforça pela vivência prática a teoria da conspiração que significa transformar seu agir e interagir muito próximo ao agir irracional dos demais seres vivos. Esse segundo tipo de ingênuo, particularmente quando integra algum grupo da tecnoestrutura do governo é muito perigoso, porque no anonimato de algum grupo é capaz de influir nas decisões e ações que produzem a violência e degradação do homem, sem medir as consequências práticas do seu agir no grupo a que pertence. É profundamente maléfico para a paz, a harmonia e a autonomia no pensar e na convivência com os outros. Vamos, a seguir, explicitar brevemente algumas características da consciência ingênua e perceber como ela é vivida na tecnoestrutura desse governo, que atinge diretamente o indivíduo e a sociedade, simultaneamente, num flagrante processo de desumanização e de dominação social, por promover e preservar a ideologia dominante gerando, a desigualdade no acesso às coisas materiais necessários à sobrevivência da maioria que vive em sociedade. Ao entrar em contato com essas características, é recomendável perceber e identificar as pessoas ocupantes de cargos, em que setores do governo atuam e que classe social se origina e quais pretende atingir. Ou ainda, que interesses pretendem preservar. No judiciário: investigadores, promotores, juízes, desembargadores e ministros; No executivo: O presidente da república, os ministros, assessores e todos os que o apoiam no estado de exceção, transformado, hoje, em estado de direito; No legislativo, em todos os níveis da federação: municipais, estaduais e federais (câmara dos deputados e senadores); bem como, as assembleias legislativas e câmaras municipais de vereadores. Fazendo esse exercício, percebe-se a maleficência da tecnoestrutura pela implementação da consciência ingênua no pensar e agir individual e coletivo na sociedade atual no contexto nacional e local.

¹² Indicamos para aprofundar esta temática, GIANNETTI, Eduardo. **AUTO-ENGANO**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

3.2.2 – O perfil da consciência ingênua, promotora do imobilismo social do Brasil.

a) A presença do **caráter sensitivo** nos discursos e no desempenho de funções.

Manifesta-se nos indivíduos e ocupantes de cargos que possuem uma percepção e compreensão superficial da realidade local e nacional. Sua forma de pensar reduz-se sobre o dado imediato, que conduz ao julgamento quase sempre pela reação emocional diante do contexto, dos fatos e acontecimentos socioeconômico, pessoas e das circunstâncias em que vive e trabalha. É uma espécie de pensar dominado pela emoção, ao mesmo tempo que agrada, cria o sentimento de aversão e repulsa no que faz e diz. O comportamento de um sujeito sensitivo, objetivando apenas agradar pelo aparecer no social como uma pessoa bondosa, leva o outro a necessidade de concordar com o que diz e agride, simultaneamente, todos aqueles que pensam diferente dele. Uma conduta dessa natureza cria passividade, conformação com a atual situação em que o indivíduo está imerso e envolvido na coletividade. A consequência desse caráter sensitivo da consciência, transforma o caráter do indivíduo vulnerável à influência alheia. Dessa forma, podemos afirmar que o caráter sensitivo da consciência produz “a teoria emocional da realidade”, que significa considerar “toda argumentação e artifício malicioso, empregado pelos [...] exploradores para fazer calar a reação espontânea, justa e incoercível do povo, que tanto temem”¹³.

b) O homem portador da consciência ingênua assume um comportamento **impressionista** para convencer os indivíduos e a sociedade em geral pelo pensar e agir em descompasso com o bom senso e o equilíbrio, assumindo, um comportamento descompensado.

O contexto mais frequente, onde mais se manifesta essa característica recai sobre os indivíduos e as personalidades ligadas à política, jornalismo e os membros do judiciário (investigadores, promotores, juízes, desembargadores), no trato, fundamentalmente dos fatos e acontecimentos dos mais variados setores, mas de modo especial no trato das questões econômicas, através de *shows midiáticos* para impressionar subjetivamente os indivíduos e intimidar a possibilidade de pensar diferente, no sentido de aniquilar qualquer iniciativa de organização coletiva das lutas para preservar e conquistar novos direitos. O objetivo é criar aceitação imediata pela capacidade de provocar a passividade individual e coletiva. A característica mais fundamental do impressionismo é quando esses atores sociais encerram-se

¹³ Ver PINTO, Álvaro Vieira. **CONSCIÊNCIA E REALIDADE NACIONAL**. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1960. Vol. 1, p.164.

no trato das questões em pauta na extrema subjetividade. Isto é, transportam para o plano subjetivo o que de fato é conteúdo objetivo, levando o povo à cegueira e à obstinação no campo das ideias, no sentido de produzir um modo de pensar infundado, porque essas ideias desvinculam um fato do outro, produzindo uma visão extremamente limitada do acontecido e contornada na subjetividade individual. A imaginação subjetiva é mais estimulada do que as operações lógicas objetivas que vinculam um acontecimento a outro para produzir uma visão crítica, isto é, uma visão de totalidade sobre o fato e os acontecimentos em análise. Por isso, o impressionismo estimula a imaginação subjetiva, que limita a visão pessoal dentro dos contornos do fato em si, sem vinculá-lo a outro fato ou a realidade mais ampla que está ligado. O impressionismo conduz a um conjunto de fragmentos desvinculados um dos outros, com o fim de produzir uma visão sob estreitos limites da fragmentação. Por isso, uma visão parcial e ingênua.

c) A consciência ingênua usa **o recurso do condicionamento no âmbito individual** como absolutização da posição pessoal nas análises e nas abordagens dos argumentos e ideias.

Essa característica é decorrência dos dois traços anteriores. Encerrar a consciência no âmbito individual, isto é, realiza uma análise subjetiva e parcial da realidade, o que prevalece é a visão unilateral e extremista. A visão parcial de um indivíduo representa a análise de um ponto do espaço social, mas não se revela com visão de totalidade do social em que o analista está inserido. Enfim, enclausura, no âmbito pessoal, uma visão global da realidade. Isso significa “se aventurar a julgamentos universais em forma de deduções tiradas da esfera da subjetividade pessoal”¹⁴. A absolutização de uma posição pessoal decorre da visão de que é impossível pensar diferente dos outros. Isso manifesta a posição de superioridade que leva à ditadura das ideias e dos argumentos. Por isso, o sujeito fecha-se em si mesmo e não aceita discutir as razões e o significado de sua posição. O enclausuramento da ideia, no âmbito individual, absolutiza sua posição pessoal, produzindo um pensar abstrato com ausência de percepção sobre as determinações históricas e reais em que se insere o indivíduo. Enfim, é incapaz de perceber o condicionamento que faz um fato ou acontecimento apresentar-se de forma esquisita e anormal. Enfim, produz a atitude de acuramento dos indivíduos toda a vez que se manifesta e se relaciona.

d) Outra marca da consciência ingênua se refere à **inconsistência e à incoerência lógica**, levando o indivíduo às **posições de irascibilidade**. Sem dúvida que essa característica está ligada à anterior. A absolutização condicionada pela posição pessoal conduz a um discurso que

¹⁴ Idem, p.172.

separa o dito do real, conduzindo à análise de algo para a imprecisão de linguagem com ausência de raciocínio lógico e de pensamento, que cai no vazio sem chegar à conclusão alguma. Isso gera fanatismo e ódio de caráter agressivo porque passa a agir, instintivamente, sem qualquer manifestação de racionalidade. A irascibilidade é uma prática dos meios de comunicação através de seus comunicadores, que assumem a atitude de panfletários e demagogos, limitando-se a **deblaterar** contra tudo e contra todos. Isto é, expressar-se com agressividade e violência na linguagem, imagens, gestos e argumentos contra alguém, instituição, grupo ou alguma coisa da qual se posiciona contra a ideologia que o sujeito agressivo defende. Enfim, é uma consciência espontaneamente hostil ao espírito de racionalidade; que se abriga no discurso ornamental de persuasão pura e simples, pelo uso da emocionalidade que descaracteriza qualquer possibilidade de uma análise coerente e lógica. Esse traço que foi abordado “é uma modalidade de comportamento exibido com elevada predominância no campo dos debates políticos no país subdesenvolvido”¹⁵ e, em parceria com uma imprensa nacional que estimula o mesmo comportamento social dos indivíduos, por ser ela instrumento eficaz para a difusão da consciência ingênua massificada da maioria da população que atinge. O objetivo é sempre defender uma ideologia e atacar outra, contrária aos seus interesses e a sua posição ideológica.

e) O homem portador da consciência ingênua é movido pela **Incapacidade de dialogar**. O maior obstáculo para a prática dialógica é o **pedantismo**, quando exercido em diferentes contextos e instituições. A incapacidade de dialogar está ligada ao pedantismo no modo como se exerce a comunicação e a argumentação entre os sujeitos. São várias as formas e os modos de exercer a característica ingênua da consciência: a primeira forma do exercício antidiálogo reside no fato de que a comunicação está assentada no clima de emoção pura, que faz exaltar os ânimos pela paixão frenética do discurso político e da controvérsia nos tribunais. Ou seja, briga mais do que argumenta e explica para se chegar a nenhum consenso e muito menos à verdade sobre os fatos e acontecimentos nos diferentes contextos em causa. Na incapacidade de dialogar, o indivíduo está sempre em conflito com o outro e com a realidade por estar exercendo uma comunicação, além e aquém, do contexto em que está inserido. Isto é, o conflito vira confronto, que gera violência no processo de comunicação. A segunda forma está baseada na comunicação como um “dilúvio de palavras num deserto de ideias”. Isso deve ser entendido como uma consciência solitária que em vez de procurar a verdade, prefere o escândalo intelectual mediante uma fraqueza moral e racional dos argumentos que usa, tudo para

¹⁵ Idem, p.186.

convencer os outros que suas ideias são corretas. Por isso, quando se comunica não é sincero, coerente, faz da mentira e da falsidade critérios de verdade, pelo qual pauta o seu pensar e a sua vida no momento em que age e interage com os outros. A terceira forma de antidiálogo da consciência ingênua é a transferência dessa incapacidade de comunicar para o outro. O outro é aquele que não sabe se comunicar. Por isso é uma consciência fechada e solitária no *eu penso* como obstáculo para o exercício do *nós pensamos*. Enfim, a incapacidade de comunicação do ingênuo está na farsa do que fala, somente ele próprio compreende porque toda a comunicação está situada numa forma abstrata e subjetiva de um pensar destacado da realidade, sem reciprocidade entre o pensar e a realidade em que está inserido com ausência total de reciprocidade no ato de se comunicar.

Nessa perspectiva está posta a condição e a base para o falar sozinho, ou seja, fala de si e para si, mesmo diante do outro através da prática do pedantismo. Esse manifesta-se num conjunto de traços interligados, fundamentalmente, nas situações objetivas e da produção intelectual: 1) A origem do pedantismo reside na falsa compreensão dos fatos e “do papel da consciência em relação à realidade que está ligada, donde acreditar que a sua maneira particular de ser, das suas peculiaridades subjetivas (...) e interesses pessoais (...) donde os quais desempenha a função intelectual”¹⁶ em dadas situações e contexto em que se realiza a comunicação e a persuasão pela via da comunicação autoritária, no sentido de se colocar sempre num grau superior de inteligência; a relação com os outros é uma forma de se afastar dos outros indivíduos e da realidade objetiva. Esse é o caráter ridículo do pedante, porque pronuncia suas ideias e argumentos de forma pomposa de um pensar acima do real, que produz o distúrbio radical da consciência na busca da verdade ligada aos fatos e ao mundo real; 2) A inteligência do pedante é própria dos discursos de homens que ocupam postos de trabalho relacionados à conjuntura nacional e ao corpo social, entre outros, Juízes, promotores, desembargadores, ministros e os políticos em geral. Esses discursos, proferidos com a arrogância de um grau superior, quase sempre estão desligados do contexto e produzem os devaneios da inteligência descomprometida com a verdade sobre a realidade objetiva, através da elaboração de um pensamento especulativo e abstrato. Faz-se parecer, o autor dos discursos, como alguém que ocupa uma posição de indivíduo excepcional com domínio de uma cultura superior, que faz parte de um seleto grupo que domina a cultura universal inacessível às grandes massas, mas, na verdade, é um ignorante e inculto; 3) O pedante tem consciência que seus

¹⁶ Idem, p.194.

discursos são verdades clássicas e universais de função pedagógica para instruir e submeter o povo inculto às suas ideias. Isso reduz o pedante na incapacidade de assumir um papel de mediador do saber. Enfim, acredita que, mediante a posse de saber, suprime a ignorância alheia pela própria ciência; 4) O essencial para o pedante é ser desonesto, um misto de estudioso e charlatão, quando realiza a comunicação do seu saber e da verdade que acredita possuir; 5) Enfim, o pedantismo é próprio do indivíduo que possui uma mentalidade superior aos outros, é hipócrita porque fala uma coisa e vive outra, é autoritário porque, além de acreditar que possui um saber superior, tenta de modo sectário impô-lo aos outros, é elitista, porque acredita que pertence à classe dos ricos, ou seja, um ser agressivo porque é regressivo, é um sujeito que submete o outro, à sua verdade para produzir a alienação cultural da consciência no povo, etc...

Portanto, como vimos, a incapacidade de diálogo no processo de comunicação enclausura a consciência numa solidão pessoal que produz, de alguma forma, o pedantismo no modo de pensar, definindo um modo de vida solitário. Notadamente, o pedantismo manifesta-se de forma clara e inequívoca no poder judiciário e nos discursos dos políticos, portanto, na política de controle das massas pela inculcação da ideologia dominante.

f) A **ausência de compreensão unitária** da realidade produz a **incapacidade de atuação ordenada** na sociedade e sobre o contexto em que o ser humano age e interage. Essa característica leva à inércia individual pela compreensão fragmentada do real, que produz uma forma de pensar apática diante do presente e do futuro, que conduz o indivíduo à acomodação e o imobilismo generalizado diante dos problemas na sociedade. O fato é que a ausência de uma compreensão unitária do real evita ligar e religar racionalmente os fatos, os acontecimentos e as ideias com a totalidade do contexto, produzindo a contrariedade entre pensamento e realidade, levando as análises para o mundo do pensar abstrato e metafísico, onde, em vez de realizar a relação e o vínculo entre pensamento e realidade, realiza a relação limitada entre uma ideia e um fato isolado, originando-se, um pensar parcial, porque fica no plano das ideias sem conexões com a realidade como um todo. Nessa perspectiva, o real é sempre algo estranho para o pensador, porque apenas pensa desconectado com os problemas. Essa compreensão parcial não gera potência de vontade de agir, tanto no plano da existência individual quanto no plano coletivo da convivência social. Pois, o ser humano não consegue vincular os fatos e acontecimento no processo de pensar para compreendê-los em amplitude e profundidade.

A contradição entre pensamento e realidade, instalada na consciência ingênua, resultante da falta de uma compreensão unitária da realidade. Sendo assim, resulta o imperfeito entendimento da realidade como processo, priorizando a compreensão abstrata e

compartmentalizada do real, que impossibilita a construção da visão de totalidade no sujeito pensante. Por isso, há uma relação direta entre a fragmentação da compreensão da realidade e na prática de pensar no indivíduo, que gera a incapacidade de uma atuação ordenada dos indivíduos na sociedade demonstrando falta de comprometimento com a luta coletiva por uma sociedade melhor. A visão parcial da realidade social leva à passividade dos indivíduos diante dos desafios, problemas e contextos diversos em que estão inseridos. Através da compreensão parcial do real, a consciência é incapaz de reconhecer a verdade pela sólida penetração na essência do processo real para construir uma visão de totalidade. Isso gera a incapacidade de atuação ordenada do indivíduo na sociedade. A atuação desordenada nos diferentes setores da sociedade, consequência da falta de uma compreensão unitária do momento histórico da nação, origina a corrosão da vontade dos homens em agir em comum acordo, ordenado pela consciência crítica sobre a realidade objetiva para superar crises e problemas de toda a ordem, numa sociedade cujos os sujeitos são portadores de uma consciência ingênua. Ou seja, possui uma visão parcial de si e da realidade em que estão imersos e, por isso, não conseguem possuir uma compreensão unitária do real e, muito menos, uma ação conjunta para mudar o atual estado da sociedade.

g) **O moralismo** significa julgamento ético que polariza e polemiza a dimensão do “do bem” e “do bom” para fundamentar e priorizar o caráter a-histórico da consciência socialmente ingênua através da **idealização dos dados concretos** a favor “do mal” e “do mal-estar”, enquanto processo de desumanização do ser humano e do ser da nação.

A atitude moralista da consciência ingênua aprecia acontecimentos coletivos e julga os homens, não em decorrência da veracidade dos fatos, mas de acordo com um pensar metafísico idealista, fora da realidade objetiva, quando se trata do primado das práticas sociais dos indivíduos, grupos, partidos, instituições e lideranças. O moralista faz desaparecer a objetividade do processo histórico, ocultando a dimensão concreta do fato de forma reversível, que liga o real ao ideal e do ideal ao real. O moralista aponta, idealisticamente, o que tem de ser feito, mas vive o contrário transformando-se em uma contradição em vida. Ou seja, fala uma coisa e vive outra, consolidando, dessa forma, em sua vida a hipocrisia e a imbecilidade no pensar e no viver. Assim sendo, a origem do moralista, portador de uma consciência ingênua, está nos discursos inflamados por uma retórica fantasiosa, contraditória e fatalista, desconexa e desfigurante da verdade sobre a realidade concreta em que está inserido objetivando dissimulá-la. Entretanto, sempre persuasivo no seu eloquente discurso ornamental proferido publicamente.

Abordado esse fundamento que possibilita a compreensão racional do fenômeno moralista da consciência ingênua, a compreensão da realidade nacional está presente nos discursos das personalidades políticas, jurídicas e nas pessoas que ocupam cargos de destaque na conjuntura social, no interior das instituições privadas e públicas, mas de modo especial, ressalta-se a mídia de massa.

Essas instituições e personalidades revelam-se impregnados de um idealismo ético bipolar, do bem e do mal, do certo e do errado, do justo e do injusto com base a uma verdadeira repulsa ao real e à veracidade dos fatos, onde seus veredictos se constituem de um imbróglio de palavras e ideias abstratas. Esse tipo de indivíduo nunca assume uma posição diante do fato, é o que se denomina de eclético, ou seja, aquele que não possui postura alguma diante da realidade objetiva. É uma espécie de fanatismo religioso e uma credence esdrúxula que, retoricamente, defende o bem, mas suas decisões e ações promovem o mal-estar e a destruição de si e de todos que pensam diferente. Nessa condição, revela-se o desprezo pelo homem, amor pela lei e a obsessão pelo uso da força, gerando violência simbólica e real. Não se valoriza o bem-estar para a existência humana no seio da conjuntura nacional, mas valoriza-se o pensar para viver na ilusão, ou seja, viver fora da realidade em que a vida acontece. Por isso, as relações são fantasiadas entre pessoas sem nenhum nexos com a realidade, no sentido de criar fantasias aceitáveis por parte de quem o escuta, contribuindo para gerar o imobilismo social pelo medo paralisante e/ou pela covardia no pensar e no agir diferente do instituído.

Nessa perspectiva, “a postura moralista não é somente nociva pela distorção intelectual que representa, mas sobretudo porque é a porta aberta para desencadear reações emotivas. [...] diante de um acontecimento histórico ou de um personagem político.[...] quando movida por tão justa cólera, tenta executá-la, [...] Impõe-se, portanto, o apelo à violência, mesmo extrema, contra instituições, coisas e pessoas nas quais a maldade se encarnou”¹⁷. Por isso, produz-se a cegueira que consiste em dissolver os grupos humanos que atuam em conjunto para imputar, nos indivíduos, a conduta moral aceita por ele para destruir sumariamente todos que pensam e agem diferente.

Por fim, o pior moralismo é o político, esse que ora estamos vivendo da atual conjuntura política nacional, encarnado na filosofia do atual governo. Porque existe uma crise ética generalizada na classe política, onde os políticos elaboram pomposos discursos moralistas para ocultar o que são e o que fazem no exercício de um cargo ou na ocupação do mandato delegado

¹⁷ Idem, p.223.

pelo voto. Mas, a sua conduta de político já está comprometida com inúmeros atos ilegais e imorais perante a lei, a sociedade e a justiça na concepção grega aristotélica. A consequência desse moralismo político constrói-se, a qualquer custo, “desviar a atenção do verdadeiro significado dos acontecimentos do processo histórico, o seu condicionamento material, especialmente econômico, e dirigi-la para uma ordem de cogitações abstratas, [...] Assim sendo, o fato desaparece atrás do agente”¹⁸. Nessa perspectiva, o moralista ultrapassa o espaço ético e transforma seu discurso numa interpretação mítica da realidade, que culmina na visão apocalíptica da destruição sumária de tudo e de todos, através de seus eloquentes discursos. Assim sendo, fala demais e mostra de menos a realidade dos fatos e da história. Quer dizer, o moralista não vive a ética, mas se arroga o direito de apontar qual a melhor conduta ética para ser vivida por outra pessoa ou para uma nação inteira. Enfim, é um psicopata social no modo de pensar e agir desumanizante, porque todos que fazem parte desse pensar e agir sofrem da mesma doença. Aí encontra-se a característica do moralista safado que não vive os preceitos éticos e se dá o direito de impor a ética para ser vivida pelos outros.

O moralista, diante do seu insucesso, busca razões para autoafirmar-se diante do outro, da classe e da sociedade a que pertence. Por isso, sente necessidade de endeusar-se a si mesmo, no fato de juntar-se ao grupo a que pertence para formar uma pequena sociedade de eleitos, circundado por uma massa surda e passiva, aos ditames das leis morais, da ética e da justiça e nessa condição, o moralista está sempre na companhia dos venais/corruptos, demagogos, insensíveis e irracionais que agem e interagem por instintos, com ausência de argumentos lógicos e racionais.

Podemos encerrar a análise dessa característica, afirmando que o moralismo está vinculado diretamente ao sujeito que pensa, realiza a idealização dos dados concretos e, por conta disso, altera o sentido de um problema concreto pela idealização e o fantasiamento esdrúxulo sua solução. Isso ocorre quando há uma tendência idealizante dos dados concretos que, aos poucos, alteram os dados primitivos/objetivos e cria uma condição abstrata e hipotética de solução para o problema real. Se o problema foi idealizado, obviamente que nessa condição a solução também é idealizada, por isso, totalmente desvinculada da realidade que lhe deu origem. Nessa perspectiva, o discurso moralista é também um discurso de idealização dos dados concretos que destrói a possibilidade de mudança da vida individual e coletiva do ser humano,

¹⁸ Idem, p.225.

gerando a inércia diante da falta de indignação sobre os fatos e os acontecimentos sociais, cujo o discurso distorce o sentido real e tudo o que pensa.

h) Outra característica da consciência ingênua está fundada no **desprezo pela massa** que abre a possibilidade do **apelo à violência**, simbólica ou real. Isto é, através de ameaças, ignoram, para as massas, o efeito maléfico do seu agir em todos os setores da sociedade. Manifestam-se através da chantagem de toda a ordem nos mais diferentes setores pelas pessoas que ocupam cargos em altos escalões. Entre outros setores temos: O poder executivo, articulador das políticas golpistas contra o povo e a soberania do Estado; no judiciário, abuso de autoridade no sentido de que a lei vale para alguns, mas não vale para outros, cujos veredictos são suspeitos por falta de imparcialidade; ou seja, sentenças proferidas de origem subjetiva, onde a liberdade é propriedade de atos subjetivos de juízes e tomadores de decisões, sem qualquer postura racional equilibrada e imparcial.

Por fim, esse panorama cria condições de possibilidade do negligenciamento na prestação de serviços essenciais à população, entre outros, saúde, educação e segurança. Essa condição gera um vazio de esperança na nação, fazendo com que a massa crie a necessidade de reivindicar um **herói salvador**. O desprezo à massa nada mais significa do que alimentar a destruição da esperança e fomentar a implementação das políticas públicas da fome, da parcialidade da justiça, do subdesenvolvimento, da destruição do Estado, entre outras formas de genocídio coletivo, compreendido como a promoção do desprezo pela massa. Vamos apenas analisar três formas de desprezo, entre muitas outras:

1- O desprezo pela massa é próprio dos indivíduos inclinados a realizar o reducionismo do desprezo ao povo, por negar-lhe uma existência digna. Isso significa a privação da oportunidade de acesso mínimo às condições materiais para que tenha uma vida digna. Quando falamos em “massa”, consiste na deturpação da ideia autêntica de “povo”. A ideia de “povo” contém como base um valor ético nobre, que é excluído na ideia de massa. Portanto, a ideia de povo torna-se uma categoria social de afirmação da humanidade do ser humano na convivência social equilibrada, por possuir condições materiais de uma existência digna. Isso quer dizer que, na ideia de povo, está vinculada a afirmação da pessoa que encontra, no social, a condição material para uma existência moralmente digna do ponto de vista econômico. A ideia de massa significa precisamente a negação da pessoa na coletividade social em que vive, porque está sujeitada à servidão econômica como baixa e infeliz condição existencial. Nessa condição, subtrai-se a ideia de pessoa, vincula-se e valoriza-se a ideia de homem à massa que o desumaniza pelas péssimas condições materiais para viver, transformando-o num “sujeito

sujeitado”, dominado e explorado. A negação da ideia de pessoa, no conceito de massa, nega-se na mesma perspectiva, as possibilidades de compreensão da realidade objetiva, tanto dos problemas sociais, quanto nos problemas particulares e pessoais. Por isso, o homem torna-se, na massa, apenas mais um objeto de exploração e dominação que manifesta uma consciência serviçal e incapaz de penetrar no âmago dos problemas pessoais e socioeconômicos que afetam negativamente suas condições de vida. A superação e abolição da ideia de massa é o grande desafio a ser encarado por todo o movimento social que deseja produzir a verdadeira dignidade do homem no coletivo pela convivência, equilibrada e digna, em sociedade, cujo o fim é criar condições de vida mais humana para a coletividade. Enfim, a ideia de massa induz-nos a um tipo de consciência ingênua que percebe a sociedade como processo mecânico com significativo contingente humano, que passa a constituir uma relação serviçal de escravo para o senhor, ou ainda, uma relação serviçal na conjuntura da sociedade capitalista predadora, como são as condições de existência material para a maioria da sociedade brasileira de hoje. Por isso, a necessidade de um pensar crítico com o objetivo de superar a ideia de massa pela ideia de povo, no sentido de inspirar uma concepção de sociedade para afirmar o valor da pessoa no conjunto de suas relações existenciais, sociais e econômicas de uma sociedade mais humanizada na perspectiva de construir uma nação mais desenvolvida, isto é, humanizada.

2- O apelo à violência está diretamente ligado ao desprezo pela massa. Mas antes de tudo, é preciso deixar claro que a violência é exercida ideologicamente como uma política social, em consequência de uma incorreta compreensão do processo histórico e da realidade objetiva das condições materiais do povo. Nesse sentido, a violência vem se manifestando como fenômeno histórico constante no atual contexto brasileiro. Entretanto, nessa análise, vamos abordar o apelo à violência relacionada e concebida como método de dirigir a sociedade, cuja origem está ligada ao nível de consciência do momento histórico que está vivendo uma determinada sociedade, mergulhado na condição do subdesenvolvimento gerador das desigualdades socioeconômicas. Esse é o atual contexto vivido no país de hoje. É nessa direção que a consciência faz apelo à violência, enquanto “traço tipicamente ingênuo como meio de forçar a realidade para ser enquadrada nos esquemas abstratos propostos, para exprimi-la ou pré-concebidos para conduzi-la”¹⁹.

A violência então, nessa direção, deve ser concebida como o modo pelo qual se incorpora, na consciência, a crise do processo de desenvolvimento na massa. Originam-se a partir desse

¹⁹ Idem, p. 232.

entendimento, dois tipos de violência: a ingênua e a branda. A primeira, “deve ser exercida continuamente, pois se trata de guiar o curso dos fatos de acordo com o esquema ideal”²⁰, definida pela tecnoestrutura da atual sociedade. A segunda, “as transformações históricas seguem seu processo por um prolongado período, durante o qual se acumulam, sem efeitos violentos, as perturbações geradoras do momento de crise”²¹.

O traço mais fundamental da violência consiste na ditadura das facções e milícias que atuam nos setores da sociedade, utilizando a metodologia do autoritarismo, mesmo que disfarçado, em sucessivos e integrados golpes nos diferentes setores da sociedade, aplicados à massa. Ao longo do processo da crise no Brasil, esse é o mais perfeito indicativo que a sociedade passa por um modelo de governo autoritário. Esse autoritarismo que permeia a forma de governar o Brasil revela um nível baixo de competência política e com uma ausência fantástica de compromisso ético com o desenvolvimento nacional para todos. Ou seja, um “grupo de aventureiros” que se empoderaram da conjuntura nacional para desvirtuar a função social do Estado. Vieira Pinto, afirma para esclarecer essa tese:

A ditadura das facções que justificam a coação que exercem sobre o todo social, em razão do caráter confessadamente minoritário das suas forças, embora a seus olhos sejam as que constituem a porção nobre e pura do conjunto tal é o tipo de violência ingênua. Esta se caracteriza pela convicção de ser exercida pela minoria sobre a maioria, para o bem desta, é claro, enquanto para o pensar crítico a violência deriva da certeza de ser feita pela maioria sobre a minoria em declínio, por força do dinamismo social. É o procedimento pelo qual a maioria manifesta o direito de ascensão histórica na tentativa de entrar a marcha das transformações objetivas, e, portanto, se tornaria o verdadeiro agente da violência ingênua²².

O exercício da violência por um governo que alcançou legitimidade através de uma eleição suspeita, cuja sociedade encontra-se num processo de crise, o recurso “sedutor à ação violenta com o intuito de resolver problemas de caráter social”, significa governar para gerir as políticas, as reformas e a implementação de projetos e programas, pela sedução da ditadura que apresenta a dimensão maléfica contra a qual deve ser combatida e ser precavida através de um pensar crítico sobre a origem e a consequência da cultura de crise, criada pelo discurso ideológico dominante hoje pelo atual governo.

²⁰ Id.Ibid.

²¹ Id.Ibid.

²² Idem, p.233.

A título de ilustração, olhando para o estágio da crise brasileira administrada pelo atual governo, podemos apontar alguns indicativos concretos das ações ditatoriais que geram violência para as massas.

O apelo à violência de toda a ordem está baseado na negação da pessoa e na valorização da ideia de massa, no sentido de massificar ideologicamente o indivíduo pelas relações sociais, objetivando a geração de conflitos de toda a ordem, que fortalece a violência e se manifesta por múltiplas dimensões. Dessa forma, aniquila-se no indivíduo, a possibilidade de compreender a realidade social em que está inserido. Na sociedade brasileira, essa violência pode ser percebida sutilmente pela implementação das políticas públicas, ou mesmo, por meio das instituições nacionais que compõem todos os setores sociais desse governo. É a ditadura disfarçada de democracia débil, frágil e interesseira pelo autoritarismo, isto é, o modo como o estado de exceção, transformado em estado de direito, sobrepôs-se aos interesses e necessidades da população, nos diferentes setores da sociedade, para massacrar a pessoa e afirmar o indivíduo na massa. É aqui que o conceito de tecnoestrutura possibilita-nos entender a sutil violência que as ditas instituições democráticas produzem no povo brasileiro. Quando nos referimos a instituições, estamos pensando no poder executivo e nos seus apoiadores políticos, ocupantes de cargos em alto escalão, nas instituições democráticas em todos os níveis da federação. Da mesma forma, a classe política que cria condições para efetivar a ideia de massa, aprovando leis que afirmam a concentração da renda e aumentam a distância entre os ricos e a massa dos pobres, causando a violência da fome e a dificuldade de acesso aos serviços essenciais que os indivíduos necessitam para conseguir um nível de qualidade de vida mais elevado. O poder judiciário, em as suas diferentes instâncias, aplica as leis com parcialidade, interesses diversos, preconceitos ideológicos e de classe social, no sentido de punir exemplarmente pequenos delitos ou crimes realizados por indivíduos de classe baixa e os criminosos ricos, políticos e empresários que, de alguma forma, participaram da roubalheira atual no Brasil, são tratados com as benesses e privilégios das brechas que as leis lhes proporcionam. Nesse sentido, estamos nos reportando a personagens ilustres, cujos delitos foram amplamente divulgados na mídia e nas redes sociais e, que mesmo assim continuam em expressivos cargos no atual governo. O judiciário impede investigações a políticos, empresários próximos ao governo e seus apoiadores. As milícias encomendam a morte de pessoas só porque são de ideologias contrárias aos homens que exercem o poder e assim por diante. Os economistas do governo, que impõem a violência pelo sucateamento na saúde, educação, segurança pública, preservação do meio ambiente. Tudo em nome da falta de recursos; nos hospitais, a mortandade pelo descaso com

que se trata a vida; na sociedade, a volta de moléstias que, até então, estavam controladas; as escolas e universidades sendo leiloadas por falta de recursos com o fim de privatizá-las a médio prazo; o entreguismo do capital nacional às empresas estrangeiras; a classe pobre não tem acesso aos cursos superiores: para ela apenas será oferecido, conforme reformas atuais da educação, um treinamento direcionado para exercer uma função no setor produtivo como escravo da produção predadora, legalizada pela atual reforma trabalhista. A segurança pública não existe. Deparamo-nos com os índices de criminalidade crescente e absurda, o tráfico de influência de toda a ordem na conjuntura nacional, no sentido de proteger interesses escusos ao bem comum, bem como, o tráfico de drogas nas grandes e pequenas cidades, cada vez mais fora de controle. Esses exemplos são os sintomas de uma sociedade sem comando e sem interesse de combater os problemas nacionais. Policiais mortos como presas fáceis dos bandidos. Juízes e desembargadores encastelados nos tribunais com altos salários, enquanto que a população lhe são usurpados direitos conquistados a duras lutas. Ou seja, uma infinidade de exemplos que, aqui torna-se impossível mencionar todos; enfim, o apelo à violência está presente em todas as instituições e setores da sociedade brasileira, cuja raiz está no péssimo governo que mata o Estado e governa para consolidar a desigualdade no acesso às condições materiais de vida digna, promovendo, com isso, todo o tipo de violência sobre a população brasileira, através da concentração da renda e de ações contra o povo e a favor dos ricos. Enfim, toda a ação tecnoestrutural do governo indica e gera, na sociedade, a maleficência social pelo desprezo às massas, fazendo com que o governante, deixe-se seduzir pela violência explícita ou implícita nas ações de governança. Com isso, a classe dos ricos segue aplaudindo pelo fato das massas possuírem uma visão fundada na consciência ingênua, que conduz à inércia da sociedade em geral diante da atual situação de violência em que a população vive e tem de conformar-se.

3- Diante desse quadro real, fortemente marcado pela presença da consciência ingênua, surge o **culto do herói salvador** da pátria. Esse culto origina-se do fenômeno de desprezo à massa, ligado ao apelo à violência, gerando no seio da coletividade uma atitude de passividade, imobilismo, pessimismo e fatalismo generalizados. Diante da crise que se instalou no país, cria-se, para a sociedade, uma falsa harmonia e uma falsa retomada do desenvolvimento nacional. O culto ao herói é sempre a atitude depositária da conquista de uma nova esperança pela pregação do salvador, que guia a massa buscando ser aceito por representar, em si, o protótipo de líder libertador diante dos supostos perigos e problemas gerais de uma crise suspeita.

O culto do herói salvador surge a partir de uma situação social de crise através da transferência dos problemas reais para o plano político, do qual constrói a imagem de salvar e a recusa radical da possibilidade do surgimento de um representante do povo que, em última instância, nada mais é do que aversão ao povo por parte de quem o representa no plano político. A solução mais adequada para o estado agudo da crise no país consiste em estimular o surgimento do herói salvador, no sentido de tentar superar a falta de ética e a falta de vergonha na cara generalizada pela classe política e todos os setores do governo, a fim de recolocar o país na perspectiva do equilíbrio com medidas, mesmo que tradicionais, colocá-lo no rumo certo, no plano ideal. Nesse sentido, fica claro que o libertador surge da necessária desordem e da corrupção para se tornar a personalidade regeneradora da crise. Ou seja, uma crise criada pela classe que exige o surgimento do herói salvador da pátria, a mesma composta de empresários e os ricos que representam as forças da extrema direita. A escolha do herói salvador da pátria acontece entre o grupo reacionário e golpista. O salvador que, com discurso inflamado de falsa esperança, promete erguer e pôr um fim à desgraça geral que paira sobre a massa. Lança-se a pregação de suas ideias e quanto mais agressivas e impactantes, maior o poder de persuasão junto à massa para chegar ao poder. Foi o que aconteceu e vem acontecendo nesse país.

O herói é sempre um guia supostamente, iluminado, aparece repentinamente como condutor da massa a “re-acreditar” em uma nova esperança. Por isso, o argumento central da sua pregação social para o país, rumo ao poder, é transformar os problemas sociais em problemas éticos que inspiram a confiança das massas. Dessa forma, os problemas nacionais mais gerais são apresentados como salvação moral para todos.

A ideia de “salvação” é elevada à condição de categoria do pensamento, torna-se conceito destinado a abranger fatos objetivos; [...] o país está perdido, portanto só há uma coisa a fazer, salvá-lo, donde a tarefa mais urgente ser a descoberta do salvador.[...] O redentor deve vir de cima, receber primeiro o aplauso e o beneplácito das camadas superiores, ricas e letradas, da sociedade para agrupar o exército dos escolhidos que deverá em seguida dar combate às turba incultas e aos corrompidos que as dominam.[...] O Brasil não precisa ser salvo, precisa ser desenvolvido. [...] O salvador é justamente aquela personalidade polar que corporifica a tendência de superação do plano meramente material e realiza a integração da sociedade na ordem dos fins morais. Funda-se esta atitude, em uma doutrina idealista, que falseia de todo a verdadeira significação dos fatores dinâmicos da história²³.

Mediante essa forma de pensar e agir, o salvador da pátria conduz as massas pela prática da teoria da manada. Assim sendo, a consciência social da massa sobre a crise é ocultada e

²³ Idem, p.249-50.

alega que ele, o salvador, não é responsável pela mesma. Mas a responsabilidade sobre a atual crise é amputada a própria massa que, ao assumir o complexo de culpa, aceita a doutrinação ideológica imposta, a fim de mantê-lo como serviçal, obediente à pregação do herói salvador pelo comportamento histérico e agressivo próprio do sectário. Com isso, a massa tende a se isolar no individualismo, que segue à risca a doutrinação do salvador. Ou seja, a doutrina idealista conduz a uma ética e uma moral social abstrata e generalizada que produz o imobilismo das massas em nome de um futuro melhor que, provavelmente, nunca chegará.

Para superar a condição de massa dirigida e guiada pelo herói salvador, a alternativa possível de mudança da sujeição das massas pela doutrinação desse é a revolução²⁴ construída pelo povo oprimido. Por isso, a revolta do povo sempre será vencida; agora a revolução, não. Essa tem de ser entendida como uma erupção e um rompimento de dentro para fora, fundada na consciência social crítica como possibilidade da sociedade oprimida de melhorar suas condições materiais de vida, através de seus próprios meios e superar a opressão dos ricos sobre os pobres, e não mais aceitam e toleram a filosofia do heroísmo.

Tais dimensões, no que se refere ao apelo à violência e o culto ao herói salvador, pertencem à consciência ingênua, consolidada pela tecnoestrutura da sociedade atualmente em crise e com sinais claros de aparecimento de falsos salvadores da pátria no atual contexto do Brasil. Tudo está devidamente articulado para que haja um continuísmo do governo que instalou o estado de exceção, no sentido de imobilizar o povo pelo fortalecimento da consciência social ingênua da nação e, em seu lugar, implantar, sem sucesso, o herói salvador do Brasil. Na verdade está destruindo a autonomia nacional e a soberania internacional pela destruição do estado de direito e pelo entreguismo do capital nacional aos setores privados internacionais.

i) Outra importante característica da consciência ingênua consiste em **valorizar a existência de um problema supremo**. Significa considerar a supremacia de um só problema

²⁴ A revolução deve ser compreendida, neste texto, como retomada de outro caminho condutor das condições de vida individual e coletiva para um nível de qualidade superior às atuais. Essa retomada deve organizar-se e ser executada pelo povo possuidor da consciência crítica com o fim de superar os problemas que geram precariedade nas condições materiais de vida de baixa qualidade, colocando o povo numa condição de desumanização, pelo fato de seu salário não permitir o acesso das coisas materiais para uma existência digna. Revolta não significa voltar de ré e, muito menos, ato individual e coletivo de agressão e violência. Mas significa, mediante uma revisão crítica sobre o real estado socioeconômico do país, encaminhar um processo de desenvolvimento nacional para todos, capaz de encaminhar a sociedade como um todo na busca da sobrevivência com qualidade de vida superior àquela que possui no momento atual. Desenvolvimento integral da nação é dar, ao ser humano, algo a mais do que já possui.

sobre os demais, levando a uma percepção dos fatos e acontecimentos de maneira parcial sobre a totalidade do real. Esse traço é marcado pela ausência de uma compreensão global e profunda dos problemas, isto é, desvincular um problema do outro. Difunde-se a crença que um problema nada tem a ver com outro. Esse tipo de consciência não percebe a conexão intrínseca entre todos os problemas e aspectos da realidade nacional. Falta-lhe a noção de processo na construção de uma visão de totalidade sobre a realidade objetiva. Considerar a supremacia de um problema sobre os demais significa produzir uma miopia epistemológica da realidade, que produz o erro sociológico na compressão dos fatos e acontecimentos que compõem o contexto geral da nação. Enfim, essa dimensão do pensar ingênuo significa a tendência de escolher, arbitrariamente, um problema nacional e considerá-lo supremo, acreditando que, da sua solução, decorram as demais.

Dois aspectos são imprescindíveis, a fim de compreender melhor essa dimensão ingênua de pensar. O primeiro consiste em reduzir a multiplicidade dos problemas para um só, para facilitar a condução do apelo para o bom senso, objetivando guiar as massas na direção dos objetivos colocados pelo salvador da pátria. Resulta, desse aspecto, uma visão parcial da realidade elevada ao nível supremo e, por isso, as decisões são tomadas com o mesmo caráter, que traz, como consequência, ações pontuais e isoladas entre um problema e outro. Exemplo claro dessa situação é o modo de governar o Brasil, hoje, pela equipe do governo atual. Lamentavelmente, falta-lhe uma visão de conjunto, tanto a nível nacional como internacional. Enfim, a visão parcial é sempre uma forma limitada de pensar e agir. Nesse sentido, encontramos com frequência a mentalidade dos técnicos. Esses, estão preocupados

[...] no trato constante de um aspecto parcial do mundo e de tanto se interessar por ele acaba, convertendo os demais em secundários e dependentes. [...] Falta-lhe a percepção global que revelaria a conexão intrínseca de todos os problemas e aspectos da realidade, mostrando-os constituídos por um só condicionamento, aquele que decorre da fase histórica em que se encontra o país no processo de desenvolvimento. É precisamente o conceito de processo que está ausente da reflexão simplista, [...] tal ausência explica porque algum problema é promovido à categoria de decisivo”²⁵.

O segundo aspecto nesse pensar ingênuo, de acordo com essa característica, refere-se à consciência ingênua excluindo a noção de solução historicamente possível, uma vez que os problemas têm origem na dinâmica da história. Isto é, “acredita a consciência ingênua que os problemas podem e devem ter sempre soluções completas e definitivas”²⁶, como se fossem

²⁵ Iden, p.262.

²⁶ Iden, p.263.

fórmulas de equações exatas. Mas bem sabemos que os problemas são dinâmicos, assim como as soluções com o mesmo caráter, se considerarmos que ambas são condicionadas pelo processo histórico.

Finalmente, temos de abordar uma variante dessa característica que consiste nas práticas, dos publicistas, de realizar suas análises sobre a realidade nacional da mesma forma. Isto é, elabora-se uma ideia principal sobre alguns aspectos, fato ou acontecimentos da realidade nacional e, em torno dela, fazem girar todas as considerações, comentários e soluções. Dessa forma, não conseguem realizar análises compostas de conexões lógicas para elevar a ideia do problema à categoria racional, mas apenas mantêm-se no plano das minúcias como um círculo vicioso de reiteração da ideia principal, originando-se, dessa postura, um pensar vicioso, atrofiado, mecânico, influenciado e parcial sobre os problemas e os acontecimentos que compõem a realidade nacional, são relativos, históricos e dinâmicos, tanto quanto, são dinâmicas as necessidades de um povo.

A supremacia de considerar um problema ao estágio de supremo, leva-nos facilmente a um pré-julgamento ou a uma precipitação no julgamento sobre os fatos e acontecimentos sociais que será a próxima característica a ser abordada.

j) **A maledicência e precipitação do julgamento** transformado em padrão de valor de caráter permanente e imutável. O julgamento precipitado, enquanto inculcação na massa, gera a crença da imutabilidade dos padrões de valores adotados na sociedade, negando, dessa forma, o dinamismo histórico dos fatos e acontecimentos, que constitui a realidade nacional, produzindo como consequência imediata o **desprezo pela liberdade** e valorização do autoritarismo nas decisões, ações e relações sociais, nas instituições e na sociedade em geral. Origina-se desse fato o permanente estado de autoritarismo no modo de governar um país. Essas três dimensões da consciência ingênua nacional estão interligas e intimamente vinculadas a todas as demais. É o que pretendemos analisar a seguir.

A maledicência e a precipitação de julgamento residem na consciência mal-formada e mal-intencionada, que emite juízos de valor sem nenhuma fundamentação necessária. Esse tipo de julgamento diante de um acontecimento, pessoal ou de personalidades políticas, pode ser qualificado como maldoso e maléfico porque estabelece um rótulo que, reforçado pela mídia, torna-se um discurso sobre os sujeitos envolvidos, num falatório de cunho emocional inautêntico, desprendido do fundamento real e racional. O discurso inautêntico possui um poder de adesão e difusão entre as camadas populares, pois está desprendido da realidade e produz efeito de verdade na massa em geral, mesmo que a veiculação do fato seja falso. As camadas

populares, por serem portadores de um pensar ingênuo, acolhem inocentemente a difamação e difusão do rótulo, que as camadas superiores da sociedade lhes impõem, de tal forma que o rótulo como consequência de um discurso repetido constante e insistentemente, passa a vigorar como verdade²⁷.

Outro aspecto importante da maleficência como precipitação do julgamento é a descaracterização do valor imposto às camadas populares pela difamação realizada pela classe dos ricos, que envolvem participação do judiciário, dos empresários, políticos e dos meio de comunicação de massa para, de um lado difamar e, por outro, fazer a apologia de fundo moralista, produzindo um discurso invocando o aspecto moral para as camadas sociais menos favorecidas, gerando e fortalecendo a crença no herói salvador da pátria. E todos os que se opuserem serão amaldiçoados como descrentes, desesperançosas e pessimistas. Nesse caso, o discurso moral transforma-se na crença da imutabilidade dos valores, que gera a necessidade de padrões valorativos de valores, também imutáveis que a sociedade precisa seguir para se desenvolver de modo “harmonioso e pacífico” no sentido de superar a crise e reconquistar o equilíbrio socioeconômico. O julgamento antecipado impede o pensar desarmado para armar um pensamento destacado dos acontecimentos, dos fatos e da própria realidade, através do falatório a serviço da difamação de pessoas, de lideranças representativas e de políticos divergentes ao atual governo e aos interesses da minoria que defende, para implantar na sociedade esse tipo de barbárie. Em última instância, essa característica transforma a mentira em verdade para além do que somos e fazemos. Ou seja, um discurso com total ausência de racionalidade, que induz ao fanatismo e produz o ódio entre os cidadãos, as sociedades e países.

k) A crença na imutabilidade dos padrões de valores tem origem nos discursos da maledicência, pois, diante da construção junto à sociedade de um quadro de crise social, é preciso encontrar padrões rígidos e duradouros de valores capazes de conduzir a sociedade para o desenvolvimento próspero com estratégia autoritária. Entretanto, na realidade, o que acontece é a consolidação das injustiças e a contradição entre ricos e pobres, favorecendo os interesses dos primeiros, com o alto poder de concentrar renda e lucros nas mãos de poucos e a pobreza

²⁷ Nessa perspectiva, podemos ilustrar com o caso da investigação e julgamento do ex-presidente Lula. A imprensa realizou todo um pré-julgamento, que se tornou critério de verdade para gerar uma sentença sobre os delitos de que o sujeito é acusado. A maledicência reside no rótulo de ladrão, canalha, traidor que outros tão, ou mais suspeitos dos mesmos delitos não receberam. Essas pomposas difamações atribuídas e difundidas entre as camadas populares do seu representante. Com isso produziu uma cultura de aversão que consolida o “anjo bom” que veio para ser salvador da pátria que hoje é o atual governo do país. Neste caso a elite, isto é, classe política, judiciária, empresarial etc... prestaram uma fantástica colaboração para que houvesse a precipitação de julgamento.

para a larga maioria da população, que de “braços cruzados” observa a perda de direitos conquistados com duras lutas ao longo de décadas. Assim se consolida a contradição e a atual ordem social, que promove e consolida a barbárie. A grande maioria assiste, pacificamente, o aumento da pobreza familiar e vê o poder aquisitivo corroído pela implantação de políticas socioeconômicas a favor dos mais ricos. Na verdade, fala-se uma coisa, mas está se vivendo outra. A imutabilidade dos padrões de valores é para isolar o valor da realidade e subtrair-lhe o caráter de historicidade, a fim de mergulhar num discurso subjetivista que domine e sufoque possíveis reações coletivas em setores da sociedade, destacando-se o valor do mundo real vivido pelo homem para o mundo subjetivo das ideias, isto é, criar um fosso entre a sua existência em dadas condições históricas do pensar das massas e as reais condições materiais de vida da maioria. “É a história que se submete ao valor, não o valor que se submete à história. [...] Há um plano ideal onde os valores têm realidade em si, a história nada mais faz do que proporcionar a matéria em que se encarnam”²⁸. Enfim, a imutabilidade dos padrões de valores leva à absolutização dos mesmos, subtraindo o seu caráter objetivo e histórico. Como consequência, percebe-se que a mudança qualitativa do valor é impossível de realizar-se concretamente. A partir dessa premissa, origina-se um falso discurso de justiça, paz e harmonia com a finalidade de implementar a dominação do ser humano, na subjetividade dos indivíduos, fazendo-os crer que a melhor forma de agir é não agir, ou não reagir diante da situação de crise e da extrema pobreza, porque em vez de ajudar só atrapalha. O comportamento dos indivíduos deve sempre estar em consonância com o padrão de valor pré-definido pelo “salvador da pátria” para deixar intacta a ordem social contraditória no atual contexto nacional. A dominação pelo pensamento unificado e planejado na subjetividade é o pior e o mais devastador mecanismo dominante, porque atinge e destrói a possibilidade do pensar individual que direciona o agir coletivo. Isso significa afirmar que a mudança é impossível e que as desigualdades, as injustiças e as condições socioeconômicas, por mais desumanas que sejam, são naturais e devem ser aceitas no sentido de que isso sempre aconteceu ao longo da história das sociedades humanas e sempre irá se repetir no futuro, pois implanta-se na subjetividade das massas, a visão determinista, fatalista e transcendental da crise desumanizante. Nessa, direção os acontecimentos sociais e, as ações governamentais devem percorrer essa forma de pensar linear, isto é, se ontem fomos um país subdesenvolvido, hoje cria-se um discurso estratégico de continuar a ser um país subdesenvolvido, com o fim de defender um falso equilíbrio ou um equilíbrio apenas retórico

²⁸ Idem, p.281.

para sermos capazes de implantar, na sociedade, uma falsa superação das crises pontuais na história. “Em sentido autêntico, o valor está ligado ao real, na forma pela qual a sociedade o vive”²⁹, se o valor é vivido de forma absoluta, nega-se a mudança e se subtrai do valor a dimensão existencial, relativa e histórica; se o valor é vivido de forma relativa, esse está vinculado à perspectiva dialética do mover-se para melhorar a vida do indivíduo e das condições objetivas da sociedade ao longo da história. O valor, nessa forma de pensar, garante o processo contínuo da história. Do contrário, consolida-se a barbárie e a desumanização dos indivíduos e da sociedade em geral, pela estabilização dos padrões de valores que estaciona o processo histórico em atos isolados, bem como, nas sociedades subdesenvolvidas, paralisa o curso da história na busca de condições materiais de existência melhores para os indivíduos e a coletividade.

1) O **desprezo pela liberdade** é a privação da possibilidade do direito de atuar no meio em que o ser humano realiza a sua existência. É a recusa de que os valores podem mudar, na medida em que a história é construída. Essa privação conduz à parcialidade na implementação das políticas nacionais de desenvolvimento e nas ações e relações em sociedade para humanizar o indivíduo e a população menos favorecida. Podemos dizer que é consequência da apologia ao imutável, tanto como crença nos padrões, quanto na definição dos valores que orientam a vida. A presente situação gera a ideia de que a liberdade só existe para cumprir a lei e, por isso, é eterna, porque a capacidade de agir está fundada e movida pela imutabilidade dos valores eternos, promulgados nas leis. A concepção da imutabilidade dos valores interessa a elite, porque só ela possui condições financeiras de realizar, na concretude, esses valores que a população pode realizar objetivamente. Pois, a imutabilidade, pelo círculo vicioso no agir, leva o indivíduo a realizar sempre as mesmas ações individuais e coletivas que impedem os atos livres do ser humano, pelo fato de estar fazendo sempre as mesmas coisas e, com isso, mantém intacta a realidade objetiva contraditória da atual conjuntura nacional, da qual se origina a dominação e a exploração do ser da nação. Por isso, a liberdade é sempre uma atitude e não uma sensação interior que leva ilusão do sentir, do pensar e do agir. Ser livre significa possibilidade de agir e reagir concretamente. Somente na ação realizada pelo ser humano se encontra a possibilidade de sentir-se livre. No pensar ingênuo, o desprezo pela liberdade significa recusa ao direito livre de atuar, ou seja, de agir. Assim sendo, é subtraído do sujeito o direito de pensar e agir contra o autoritarismo que se manifesta no pensar e no agir do governo,

²⁹ Idem, p.282.

ocultado através de um discurso populista e democraticamente falsante, no melhor e requintado estilo neo-nazifacista. Ou seja, uma cega parcialidade no pensar vinculada a uma verdade e valor absoluto para cassar, previamente, o direito livre de realizar ações e relações ao longo do existir individual e coletivo.

A consciência ingênua, pelo seu traço característico de ser, autoritária e prepotente, está apoiada e se justifica pela intolerância do pensar e do agir em desconformidade com a realidade e as práticas do Estado opressor, no sentido de apenas garantir os interesses da classe dominante. O real é sempre o que aí está, o que é organizado conjunturalmente para favorecer alguns e prejudicar outros. Por isso, esse tipo de liberdade está apoiada para garantir a estabilidade socioeconômica no momento histórico atual, com a finalidade de garantir os direitos e os interesses de poucos, em detrimento da subtração dos direitos da maioria, sob a defesa da tese de não permitir a anarquização da ordem vigente, mas a consolidação da imutável harmonia social. O estado autoritário nada mais é do que a consolidação da contradição entre rico e pobre. Daí ser necessário o exercício do policiamento da liberdade individual e coletiva sobre a classe popular. Isso significa,

[...] privar dos meios de ação aqueles que despertam qualquer suspeita de querer atentar contra a ordem de ideias vigentes. [...] os traços de fácil apelo à violência, [...] se conjugam com a tendência a recusar aos outros o direito de pensar e agir de modo diverso do julgado verdadeiro. [...] A intolerância justifica-se enquanto defesa da ordem, entendida esta como a configuração social atualmente existente de fato. *E continua, Vieira Pinto, na sua argumentação*, a ordem, concebida na prática como o Estado que garante os interesses da classe dominante, deve ser mantida a todo custo; só há um progresso desejável e admissível, é o que assegura cada vez mais a manutenção dessa ordem³⁰. (grifo nosso)

Enfim, a consciência ingênua concebe a liberdade como um estado externo e acidental, do corpo social, além e acima da realidade, e, por isso, é preciso garantir os benefícios que proporciona aos objetivos pessoais e de classe de quem luta por manter a atual contradição entre a minoria dos ricos e a maioria da sociedade, que é a população pobre.

De forma contrária à consciência ingênua, o modo crítico de pensar faz o embate e a defesa da liberdade no campo das ações e no âmbito social. O autêntico sentido da liberdade, como categoria da consciência crítica, consiste na representação dos atos concreto realizados pelo ser humano no pensamento para melhorar, num mesmo processo de existir, os atos realizados e as representações que realiza do mesmo, para, reversivelmente, melhorar e ampliar

³⁰ Idem, p. 290

ambos, num processo histórico e dialético sem fim. Isso efetiva o melhoramento qualitativo da compreensão da ordem atual vigente e, coletivamente, melhora a qualidade crítica de compreender tal contradição e, por isso, comprometer-se na luta para construir uma ordem social superior à conjuntura social dominante e exploradora que hoje temos.

Essas últimas três características da consciência social ingênua estão interligadas e, diretamente, vinculada às demais características da consciência ingênua analisadas até aqui. Esse vínculo consiste em afirmar que a prática do julgamento precipitado produz a maledicência de considerar que existe uma imutabilidade nos padrões de valores que direcionam a conduta individual e coletiva do ser humano e, por consequência, é necessário policiar a liberdade para garantir a ordem social vigente a fim de que se perpetue mediante a padronização ética e moral da conduta, integrando-a na ordem social vigente, com a uma continuação permanente no futuro. Veja o determinismo subjetivista presente nessa forma de pensar.

m) A prática do intelectualismo na forma de conceber os problemas sociais e econômicos constrói uma **visão romântica da realidade nacional e da história**. Isso gera condição para que o país subdesenvolvido sujeite-se à ordem internacional, e, dessa forma compromete a autonomia nacional e a soberania internacional pela incapacidade de atuação política dos dirigentes brasileiros diante da política externa, originando, na população, uma atitude de subserviência aos interesses das grandes metrópoles. A causa dos males nacionais tem de ser identificada e responsabilizada pela “anarquia mental e social” de alguns pensadores e sociólogos, só porque pensam a realidade nacional de modo diferente dos pensadores que sustentam a suposta harmonia nacional, como forma de combate ao que denominam de “anomalia socioeconômica”, promovida por intelectuais com um pensar e agir crítico, diante de um país que promove a contradição entre ricos e pobres e consolida uma contradição maior que é a estabilização pela compatibilização das políticas das grandes metrópoles administradas pela extrema-direita, a contradição entre nação rica e nação pobre.

O intelectualismo produz um pensar metafísico gerado pela abstração dos problemas sociais que, somado ao pedantismo, gera um discurso social além e aquém do mundo real em que o indivíduo vive. O máximo que essa forma de comunicação realiza é o poder de persuasão, no sentido de cooptar a população, realizando a separabilidade entre o falar e a realidade, objetivando impedir a construção de uma visão ampla e profunda do contexto existencial das pessoas e da nação. Essas duas contradições entre classes e nações deterioram a política nacional e internacional pela consolidação das desigualdade e injustiças nos respectivos contextos. Os problemas, quando analisados perdem-se nas falácias dos intelectuais e políticos,

que decompõem e acarretam a deterioração do vínculo entre o problema e a realidade, da qual se origina a forma de pensar abstrata a respeito dos problemas objetivos da nação. Por isso, pensar corretamente significa apenas policiar as falsas concepções e ideias em função da perenização do organismo social atual para assegurar e conservar a dupla contradição, com o fim de manter a estabilidade do atual corpo coletivo promotor da opressão e da exploração da população. Esse é o atual estado da realidade nacional do Brasil, defendida abertamente pelo atual governo e os intelectuais que o inspira em seu governo.

Qual o problema fundamental para o intelectualismo? O caráter intelectualista, na análise dos fatos e dos acontecimentos sociais, depende da eficácia das ideias puras, cuja a origem advém de um grupo minoritário de “intelectuais iluminados”, que geram ideias capazes de sufocar, com argumentos abstratos, o pensar do povo oriundo da realidade social objetiva. Esse grupo de intelectuais são filósofos, políticos, educadores, sociólogos, economistas, entre outros, que representam os interesses da elite e ficam na incumbência, no uso prático de uma teoria da educação autoritária em defesa da atual ordem social. Isso acontece no sentido de formar um pensamento coletivo através de prática pedagógicas escolares em defesa da ideologia dominante, com o fim de consolidar as desigualdades socioeconômicas e as injustiças sociais, cujo o objetivo consiste em ocultar a realidade ao povo, porque entendem que a reforma da sociedade deve ser feita pela reforma da inteligência a favor da classe dominante. O objetivo consiste em manter a atual conjuntura contraditória e opressora para consolidar “o vale de lágrimas”³¹ do povo brasileiro. Por isso, a reforma da sociedade deve vir “de cima para baixo” e “de fora para dentro” tanto quanto a formação das novas gerações pelos processos educacionais com o mesmo caráter.

Para os dominadores, os opressores das massas, na cabeça do povo só existe ideias que levam a anarquia e a desordem. Por isso, é necessário manter o povo pensando fora da realidade que está imerso como garantia da consolidação da realidade nacional dominadora e exploradora da maioria. Mudar essa situação através de uma forma de pensar sobre as reais condições materiais que vive a população é compreendida, equivocadamente, pelo atual governo como doutrinação ideológica. O intelectual que aborda um pensar crítico na formação das novas gerações é taxado de possuir e divulgar ideias socialistas, comunistas e marxista, etc. As ideias

³¹ Expressão esta encunhada por Álvaro Vieira Pinto na obra **A sociologia dos países subdesenvolvidos**, que aqui recomenda-se a leitura, para aprofundar a compreensão da metodologia da reprodução pelo mundo a fora das sociedades subdesenvolvidas como local e contexto para promover a desumanização do ser humano pela via da falta de acesso às coisas materiais para que uma nação possa viver dignamente. Obra está organizada pelo autor deste texto e está disponível na editora Contraponto do Rio de Janeiro.

têm de ser transmitidas e imposta do plano superior ao plano inferior para “catequisar” quem as recebe, enquanto “lavagem cerebral” realizada pelos intelectuais de direita sobre as massas. Essa tem de ser a preocupação central da educação, como prática da opressão para manter a contradição social entre ricos e pobres. A melhor estratégia para alcançar este objetivo é fazer, dos processos de ensino, uma preparação puramente técnica para que o indivíduo se adapte ao sistema e a conjuntura atual, para “funcionar” e “fazer funcionar” harmonicamente o atual estado contraditório da sociedade nessa etapa histórica.

Nessa perspectiva, a posição intelectualista, na análise da realidade social, está diretamente ligada à teoria da educação para reificar a ordem conjuntural dominante da atual sociedade para conduzir o pensar na perspectiva de adaptar e integrar os indivíduos e o povo a uma ordem idealista de sociedade, que nada tem a ver com a realidade dos fatos e acontecimentos. Isso produz a exclusão do caráter histórico e dialético na formação do pensar do povo. Um pensar extremamente predador, porque destrói a possibilidade de pensar e realizar mudanças sociais, econômicas e educacionais no atual estágio dominante do contexto social atua.

Enfim, o intelectualista constrói uma ideia de sociedade inteiramente abstrata, divorciada dos condicionamentos materiais e históricos das ações humanas de um povo. Daí, antes de reformar a sociedade, é preciso reformar o intelectual, porque esse deve representar os interesses da classe dominante. Aqui se encontra o fundamento do conceito de educação como prática para a opressão, muito bem analisado no pensar pedagógico de Paulo Freire. Isto é, a opressão socioeconômica pela consolidação da desigualdade material, consolida, com a mesma intensidade e complexidade, a opressão educacional, dando origem a contradição opressor-oprimido, explicitada nas obras, *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança* de Freire.

Algumas características do intelectualista são importantes de serem abordadas nessa perspectiva de análise, no sentido de mostrar que a intenção pura é uma forma ingênua que a consciência tem de compreender a sociedade e a realidade nacional:

- 1- A formação das novas gerações realiza-se na perspectiva “de cima para baixo”, isto é, partindo da inteligência da elite para a população, com o objetivo de consolidar a perpetuação da consciência socialmente ingênua da massa;
- 2- A elite reúne as melhores condições de pensar pelo povo que não sabe pensar, isto é, o povo é considerado um ignorante. A ele apenas deve ser repassado a cultura dominante;

- 3- Toda a assistência intelectual das elites começa pelos grupos sociais dóceis e fiéis à defesa do atual modelo de sociedade a fim de, disciplinar o pensar do povo, vinculado aos interesses diversos da elite;
- 4- A elite julga-se no direito de passar para o povo a interpretação da realidade a partir de sua ótica de interesse de classe na forma de doutrina, para ser aceita, passivamente, por toda a população de baixa renda;
- 5- Compete à elite repassar, mecanicamente, suas ideias através da educação, com ausência total do desenvolvimento da habilidade de análise e interpretação da realidade que venha desenvolver o pensamento. Educar é treinar tecnicamente o indivíduo para ocupar um posto no processo produtivo;
- 6- É um erro educacional ensinar o povo a pensar, ou seja, o papel da educação é doutrinar as inteligências do povo para um pensar sujeitado aos interesses elitistas dos ricos. Por isso, a educação é uma doutrinação moral da conduta do povo pela vivência serviçal e padronizada dos valores éticos e morais. Isto é, pensar o contrário de quem está por cima, será sempre uma atitude subversiva e comunista que deve ser punida e banida, exemplarmente;
- 7- O intelectualista constrói um modo de pensar que ignora as bases materiais da existência e os condicionamentos históricos da sociedade oprimida em que está inserido e imerso.

O intelectualista, quando interpreta os problemas sociais o faz de maneira abstrata, no sentido de implantar, autoritária e sectariamente, a ordem para salvação nacional. É nessa perspectiva que tem origem a opressão social, que gera a opressão educacional para manter o pensamento do povo nos mesmos parâmetros do pensamento elitista, com o fim de manter os interesses da classe dos ricos com todos os seus privilégios e garantir a inércia do povo diante das condições materiais e históricas de dominação e da exploração social realizada pela classe dominante. Esse é o caráter nocivo do intelectualismo na concepção dos problemas sociais, pois consegue desviar o pensar do povo para o plano da abstração. O intelectualista entende, equivocadamente, que a ideologia do desenvolvimento nacional tem origem nas “elites”. Entretanto, entende-se que a ideologia autêntica, é aquela preocupada com o desenvolvimento nacional, que tem origem nas massas e para ela se volta na forma de resolução dos problemas sociais. Pois, é nas massas que se encontram os problemas socioeconômico gerais de uma nação que clama por mudanças radicais e condições socioeconômicas que precisam ser superados urgentemente.

Em decorrência do intelectualismo no modo abstrato de conceber os problemas sociais, surge uma **visão romântica da história**. Por ser uma consequência do intelectualismo, ignora

a autêntica e correta apreensão racional do processo histórico. A doutrina romântica da história é realizada por um indivíduo possuidor de uma força superior que lhe permite interpretar os problemas objetivos a partir de uma racionalidade absoluta e desvinculada do real, que realiza a transcendência do fato real para o mundo das ideias. Nesse contexto, a história não passa de um movimento absoluto entre um conjunto de ideias explicativas da realidade objetiva. Isto significa pensar e viver a realidade no plano intelectual ilusório, que facilmente cai nos extremos do fanatismo sectarista ou pessimista. O primeiro significa acreditar no discurso que se constrói, abstratamente, sobre os problemas sociais e tem necessidade de impô-lo aos outros; O segundo é um pensar que consolida, coletivamente, a consciência ingênua para gerar imobilismo social da população diante dos fatos e acontecimentos sociais. A raiz profunda do pessimismo no pensar elitista reside “na desvinculação da massa, o que a torna incapaz de sentir a riqueza de energia contida no sofrimento e no labor das nossas populações, na vontade de transformar por seus próprios meios, suas condições de vida”³². A visão romântica da história contém em si mesma a negação do processo histórico que a construiu e a constrói. Nesse caso, a ideia de processo é excluída e no seu lugar surgem o fenômeno da ordem e do fatalismo pessimista para manter as contradições e as desigualdades no contexto atual da sociedade. Dessa visão romântica da história, nasce “o otimismo cego e irracional, obnubila a consciência, prepara para as capitulações mais vergonhosas, expondo-a ao ridículo dos enunciados pueris, aliciando-a para o cortejo dos satisfeitos”³³. O termo “obnubilar significa a vocação que o governante possui para impor o servilismo cego das massas pelo fato de possuir um pensamento obscuro sobre a realidade nacional ou o contexto em que governa.

Se por um lado o romantismo da história conduz ao referido otimismo cego, por outro lado, conduz ao pessimismo, porque o intelectualista não consegue manter sua cabeça pensando no mesmo momento e contexto em que o sujeito está vivendo, pois seu pensar não possui nenhum vínculo com a realidade objetiva do momento em que o ser humano vive. Os dois extremos levam a uma visão para além do que somos e fazemos, sem nenhuma referência sobre o que vivemos no atual momento em que exercitamos o pensar. Por isso, o pessimismo e o otimismo cego são reações da consciência ingênua, convencida da sua superioridade em face dos acontecimentos e fatos sociais dos homens imersos na realidade objetiva do momento presente da história. É nessa visão romântica da história que reside “o sucesso das ditaduras nos países de estrutura atrasada, regime de volição pessoal, de endeusamento primário dos

³² Idem, p. 341.

³³ Idem, p.338.

caudilhos, está intimamente ligado ao processo de atropomorfização da história”³⁴. Isto é, o caudilho, significa que a ditadura é conduzida por uma liderança política carismática, ligada ao sectarismo tradicional da sociedade, como o são os militares e grandes fazendeiros que baseiam o seu poder no carisma do ter, pelo exercício do extremo e do radical autoritarismo. Aí, encontramos as autênticas origens no modo de ser da conduta do atual presidente da república.

n) O culto ao bom-senso e a defesa do progresso moderado são duas características da consciência ingênua, porque um promove o outro, quando se trata de uma análise da realidade objetiva do ponto de vista do desenvolvimento nacional.

O culto ao bom-senso é próprio dos indivíduos portadores de uma escassa instrução e descrentes de teorias que não atendem ao movimento de destruição da “imagem de homens de bem” inspirados na boa intenção”. Para superar os problemas da realidade nacional, não basta a boa intenção dos homens de comando, mas que a intenção de mudança não seja apenas um discurso ornamental para iludir as massas, através de um intelectualismo abstrato. Por isso, o apego e a defesa do bom-senso é uma fuga para não encarar os problemas sociais em seu contorno objetivo e histórico. O homem ou governante que adota o bom-senso será sempre alguém que encontra soluções aceitáveis por todos, sem entrar em conflitos de grupos e classes. O bom-senso não resolve definitiva e razoavelmente o problema: serve apenas como um amortecedor das tensões de interesses entre os ricos e os pobres, entre os empresários e trabalhadores, para que o processo de dominação e exploração continue funcionando com um prévio e confuso consentimento artificial entre os dois lados, inspirando uma falsa harmonia entre ambos.

A superação do consentimento artificial pelo bom-senso só faz sentido quando se supera a contradição de interesses antagônicos de classe e, em seu lugar, surge o bem comum como equação razoável entre as partes contraditórias. O bem somente é comum quando as partes em conflito conseguem equacionar razoavelmente a contradição como expressão no modo de ser concreto entre duas classes antagônicas: ricos e pobres. Isto é, a superação do conflito e da contradição entre trabalho e capital. Significa que o bom-senso se transforma em bem comum quando há uma melhoria social, como passagem de um estágio ou condição material e espiritual de vida inferior para um estágio ou condição de vida qualitativamente superior e que modifique de imediato as condições de vida das grandes massas.

³⁴ Idem, p.343.

Para se atingir o bem comum, apela-se para a necessidade de um progresso socioeconômico moderado que não comprometa os interesses da elite e que iluda as massas com uma ampla e profunda assistência social, para algum melhoramento paliativo das condições de vida concreta. Ou seja, o populismo cria a ilusão de que as massas terão uma vida melhor, se comparada com as condições materiais do momento imediatamente anterior ao que estão vivendo atualmente. Pois, se houver uma ampla distribuição de renda o país quebra, porque os empresários não têm mais como engordar suas contas com a exploração do trabalho de quem produz.

Enfim, o bom-senso está vinculado ao progresso moderado, ou seja, lento, porque a sociedade deve permanecer no equilíbrio que favorece às minorias. Ao afirmar essa tese, justifica-se que a contradição entre rico e pobre deve continuar pelo mecanismo de dominação e de exploração e tudo o que pode ser feito é amenizar os efeitos sobre os pobres, para que tenham a ilusão de que as condições de vida material paupérrimas estejam aparentemente resolvidas. Ou seja, o distributivismo de toda a ordem para a população amenizar os feitos da miséria e estimula uma falsa paz social numa sociedade em permanente conflito pela contradição de ricos e pobres pela pregação ideológica do apelo ao bom-senso.

o) O primarismo político refere-se ao comportamento da consciência ingênua no que tange à gestão da compreensão abstrata das condições objetivas da existência por parte dos representantes da nação na conjuntura do poder instituído. Isso significa que o pensar está vinculado ao processo de idealização dos dados. Nessa perspectiva, existe um esforço idealizador da realidade nacional, cujos problemas invocam as forças sobrenaturais para que possa encontrar uma solução plausível aos problemas oriundos da realidade nacional. O que é particular é tratado como universal e o que é transitório é tratado como padrão perene. Em ambos os casos, o pensar é conduzido para o plano da abstração, a fim de que não se possa apontar as resoluções definitivas e permanentes dos problemas que a sociedade reclama no mundo real. A solução será sempre no plano das ideias, sem nexos com a realidade problemática em que os indivíduos estão inseridos. As resoluções dos problemas para melhorar a vida dos indivíduos da nação são postergados, sob o discurso de que a solução definitiva acontecerá a longo prazo. Isto é, a solução dos problemas é quase sempre empurrado para frente, como se diz na gíria popular, “empurrados com a barriga”.

O primarismo político dos governantes assume algumas características, entre as quais podemos citar: 1) a esperteza da consciência: quando um governante dilata e apazigua, via conchavos, a distribuição de benefícios numa clara conduta de populismo, a fim de manter a

imagem de herói salvador da pátria; 2) O estado emocional e o impressionismo econômico, sobrepondo-se às medidas para conduzir, com responsabilidade, o desenvolvimento nacional, isto é, tomar decisões no calor da emoção e no espontaneísmo dos grupos, a favor ou contra o governo, gerando inúmeros conflitos no interior da equipe que governa ou fora dela; 3) O governo inspira insegurança porque uma ora afirma, e noutro momento desmente e volta atrás no que tinha afirmado. Essa situação ocorre por governos desprovidos de racionalidade e de visão de totalidade sobre o que pensam e fazem perante os desafios nacionais que reclamam por soluções; 4) Vulgarização pela mentalidade simplista na tomada de decisões precipitadas, sem devido cuidado e avaliação dos efeitos práticos nocivos às massas; 5) A demagogia ideológica com um forte caráter populista, cujo fim é criar um falso discurso de competência em torno da governança do país e como critério de desenvolvimento nacional; 6) Ineficiência e impossibilidade em tratar com as questões sociais e econômicas para a melhoria das condições de vida da maioria da sociedade; 7) A arrogância e a intolerância para aquele que pensa diferente, penalizado através da exclusão profissional e social, pela implacável perseguição ideológica rotulante; 8) Autoritarismo como negação do diálogo democrático e respeito à individualidade e aos direitos humanos; 9) Posturas de políticas internas e externas irrascíveis, geradoras de conflitos internos e externos a tal ponto de isolar o país perante o mundo e as organizações internacionais; 10) Criação de uma imagem negativa perante os organismos internacionais e chefes de estado dos outros continentes, pela arrogância com que tenta impor seus argumentos viciado de um sectarismo militarista e pela vulgarização de sua conduta de homem público.

4 Algumas notas conclusivas

O fundamento primeiro para explicar o imobilismo social brasileiro, nesse momento, reside nas relações de governança baseadas em uma conduta que manifesta um nível elevado da consciência ingênua, nos moldes e perfil abordados neste ensaio. Superar este fenômeno nocivo à vida individual e coletiva do ser humano somente será possível com o desenvolvimento da consciência crítica como fenômeno do pensar a realidade objetiva para humanizar, tanto a pessoa quanto a coletividade em que realiza a existência.

O que se quer deixar claro é que a manifestação da consciência ingênua não é somente um fenômeno de massa, mas está ligado ao modo como a equipe que governa o país se relaciona dentro e fora dele, e também no modo como encaminha a solução dos graves problemas

nacionais que vão aparecendo. Isto é, todos os setores e as instituições, sob o atual governo, são marcados com comportamentos e relações xenófobos que induzem a nação a um mal-estar social generalizado, sem precedentes ao longo da história desse país. Defender essa forma de governar é assumir a ideologia pregada e vivida por um bando de psicopatas sociais desequilibrados portadores de uma consciência ingênua, incapaz de compreender a realidade nacional, propondo as soluções populistas tímidas para resolver os problemas que a nação reclama; Ao Invés de governar para todos, o governo procura favorecer pequenas minorias em conformidade com o seu pensar e agir, através da implementação de políticas públicas com uma clara tendência de consolidar as desigualdades e as injustiças de toda a ordem. Dessa forma, o que consegue é criar e distribuir o sentimento do ódio e da violência entre o povo e implementar a barbárie como estilo e marca do governo, com nítida paranoia de destruição do estado de bem-estar da nação.

Para finalizar esta análise cabe ressaltar que todas as características apresentadas são compatíveis com todos os que fazem parte da equipe do atual governo, nos mais diversos setores e instituições em que os ocupantes de cargos desenvolvem funções de confiança. Há, sem dúvida, uma convergência de ideias e ações disfarçadas por um discurso democrático ingênuo, assumindo um caráter notoriamente autoritário. Percebe-se a implementação do retrocesso nos diferentes setores sociais, para destruir o bem-estar comum de uma nação que, histórica e bravamente, sempre lutou para que o ser humano pudesse viver com mais dignidade. Nessa perspectiva, o que se percebe é disseminação de um pensamento e múltiplas relações sociais de governo para efetivar, na sociedade, a barbárie da pior estirpe que possa existir. Parece que estamos vivendo uma realidade nacional psicótica que está entrando num processo rápido de degeneração do sentido humano de conviver em sociedade, pelo fato de estar entrando na implementação da perda da autonomia nacional e da soberania internacional, transformando a nação brasileira em empregada das grandes metrópoles. Ou seja, estamos entrando na paranoia da destruição do Estado brasileiro, deixando a população perplexa e mergulhada na inércia de uma indignação muda e paralisante da nação brasileira.

Observemos como o governo atual se pronuncia e como se comporta diante das câmaras e da sociedade. Uma personalidade social, como é o presidente da república, demonstra ser uma pessoa portadora da consciência ingênua e irresponsável para quem tem o compromisso e a reponsabilidade de conduzir o destino de milhões de pessoas. Quantas das características da consciência ingênua podem ser imputadas à ilustre personalidade? Da mesma forma, tomemos os ministros que assessoram o presidente. Quais as características analisadas fazem parte do

perfil de autoridades constituídas pelo atual governo? Aqui convém lembrar o velho ditado “dize-me com que andas e dir-te-ei quem tu és”. O poder judiciário, sendo parcial em muitos dos seus julgamentos, judicializando a política e a governança do país, proferindo sentenças, no mínimo, suspeitas de parcialidade em defesa de interesses pessoais, de personalidades amigas, onde o que prevalece são os interesses de classe social. O poder legislativo, constituído de políticos que deveriam representar os interesses do povo e, no entanto, votam leis contra os interesses comuns dos eleitores que os elegeram. Para chegar a essa conclusão, considerem o que falam no parlamento, no “palco dos discursos inflamados” e vejam quais interesses defendem na prática. Se há divergência entre esses dois extremos, você está diante de sujeitos representantes do povo de má-fé, mal-intencionados e contraditórios, sem ética e moral, para representar uma nação. Veja as características expostas nesta análise e quais podemos aplicar a essa classe política que representa, a sociedade. Afinal, a quem representam então? A favor de quem e contra quem votam no parlamento? Enfim, é preciso entender que o feito analisado sobre a consciência ingênua é um fenômeno social que se manifesta nos diversos setores do atual governo, que no seu discurso, prometeu mudança. Mas o que se percebe, na prática, é que promove o terrorismo interno e externo no sentido de difundir o ódio e o mal-estar nacional e internacional, pelo modo autoritário e leviano na condução do governo de um país que parece não ter rumo e nem metas a atingir.

Então, se o governo emana do povo e para ele deve ser exercido, somos obrigados, em nome da ética e da verdade, a afirmar que este governo não é democrático, mas ditatorial, de caráter neo-nazifacista, xenófobo e sectário, que a todos quer atingir de alguma forma pela maleficência manifesta nas palavras, discursos, ações e relações de governança com ira e raiva, após assumir o mais elevado posto público do país. Portanto, em nome da autêntica ética, o governo demonstra nas suas ações ser profundamente antiético e imoral. Por isso, a ditadura não se caracteriza somente pelo derramamento de sangue, mas se manifesta também pela capacidade do genocídio da cabeça, isto é, do pensamento e impede que a nação pense para compreender, criticamente, a realidade nacional que os indivíduos estão imersos, no sentido de impedir a construção de uma visão de totalidade sobre o contexto que determina as péssimas condições de vida material pelas quais o povo vem passando, no momento atual da história do Brasil.

Finalmente, para fazer frente a esse fenômeno social da consciência ingênua, que consolida o imobilismo da nação, torna-se urgente levar o povo em geral à autopercepção das condições materiais de vida. A partir disso, criar, no coletivo da sociedade brasileira, um pensar

crítico capaz de articular e comprometer o povo para tomar, em suas mãos, o destino do Brasil, com o fim último de promover o desenvolvimento nacional, para que o povo consiga viver de forma mais humana, digna e feliz.

Para as futuras gerações é necessário deixar um duplo alerta como lição a ser aprendida e vivida. A primeira lição é aprender a pensar o mundo em que vivemos e viver, no mundo o que pensamos. Essa é a mais básica de todas as lições que podemos aprender e deixar de herança para as futuras gerações. Ou seja, quando você está querendo estudar, compreender e pensar sobre os fatos e acontecimentos em sociedade, nunca se esqueça que você é parte deles. Enfim, questionar-se e responder: quais são os fatos? Qual a verdade que os fatos revelam? E ao responder essas questões, jamais ter medo de divergir em nome da verdade e da racionalidade do que cada um acredita e gostaria de acreditar sobre as condições que determinam a sua vida individual e coletiva, no atual momento da história em que você vive. O resultado dessa forma de pensar é a construção, para si, da grande esperança humana de que as futuras gerações terão o compromisso de serem melhores do que a nossa. A tal ponto de não sentirem vergonha do que pensamos e vivemos hoje. A segunda e desafiadora lição consiste em viver a vida com ética, e que se construa uma moral individual e, conseqüentemente, coletiva capaz de transformar-se num raio de luz para iluminar o caminho para um viver equilibrado no presente, com pretensão de que as novas gerações possam viver melhor no futuro, se comparadas a nossa geração.

Para realizarmos essas duas grandes lições, é imprescindível que nos preocupemos em ficar cada vez mais interconectado para desenvolver o pensar juntos, e, que isso nos leve à árdua, mas necessária tarefa, de viver juntos. Nós temos que aprender a tolerar uns aos outros, nós temos que aprender a aceitar o fato de que algumas pessoas só podem viver juntas, se compreendermos que os outros mudam e que é necessário, por isso, aprender a lidar com o **diferente**³⁵, que neste caso é o outro, o qual é a base e o fundamento do meu agir e interagir equilibrado em sociedade.

Dessa forma, se nós vivermos juntos é bem possível que não morramos juntos. Por isso, ao longo da vida, seja ela individual ou coletiva, nós precisamos aprender a bondade, a caridade, o amor ao próximo e a tolerância, a fim de cultivar a grande esperança de que as futuras gerações sejam melhores do que a nossa. Como consequência, uma humanidade com uma vida mais feliz

³⁵ Para aprofundar e compreender melhor esta temática ver: FAVERI, José Ernesto (Org.). **Reflexões sobre Filosofia, Educação e Pesquisa:** o múltiplo olhar contemporâneo. Blumenau: nova Letra, 2015, p. 117-157. Esse texto é uma conferência proferido em Rio do Sul (SC) pelo pensador Ubiratan D'Ambrósio, 08/06/2000.

e que tenhamos um mundo mais sustentável, o que é absolutamente vital para a continuação da vida humana neste planeta.

Encerro esta análise sobre a atual realidade nacional, afirmando que **o amor** é sábio, porque requer uma profunda compreensão crítica da realidade social para encaminhar o país ao desenvolvimento nacional não xenófobo, com o fim de construir o bem-estar máximo a todos que vivem no Brasil, de forma a comprometer-se em humanizar o homem e a sociedade. **O ódio** é o estágio absoluto e expressão mais perfeita da ignorância, que leva à construção de relações interpessoais e intercontinentais de intolerância, geradoras das múltiplas formas de violência contra o ser humano e contra a vida, como bioma fundamental para a sobrevivência e a continuidade da espécie. Finalmente, faço minhas, as palavras de Galileu Galilei: “De todos os ódios, nenhum supera a da ignorância contra o conhecimento”.

REFERÊNCIAS

DEMINSTEIN, Gilberto. **A REPÚBLICA DOS PADRINHOS: chantagem e corrupção em Brasília**. 7.ed. São Paulo: brasilense, 1988.

FAVERI, José Ernesto de; CANI, Luiz Eduardo; BAZZANELLA, Sandro Luiz (Orgs). **REALIDADE NACIONAL E CRISE ATUAL: ENTRE A CULTURA E A BARBÁRIE**. São Paulo: Liber Ars, 2018.

FAVERI, José Ernesto de (Org.); Jorge F. Schumacher e outros. **O legado de Álvaro Vieira Pinto a partir dos seus contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2012.

_____. **Álvaro Vieira Pinto: contribuições à educação libertadora de Paulo Freire**. São Paulo, LiberArs, 2014.

_____. **FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: o ensino de filosofia na perspectiva freireana**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.



GUARESCHI, Pedrinho, A., AMON, Denise e GUERRA, André (Orgs.). **Psicologia, comunicação e pós-verdade**. Florianópolis: ABRAPSO, 2017.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005 (Vol. 2.).

_____. **Consciência e Realidade Nacional**. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1960. vol.1 e 2.

Acessado em 18/10/2017: <https://www.facebook.com/sigajandira2/videos/1737326429635345/>